

As duas almas do socialismo¹

Hal Draper

(in memoriam)

¹ Tradução e apresentação de Sean Purdy. A versão traduzida foi originalmente publicada na revista *New Politics* em 1966. Em seguida, o artigo foi republicado em versões revisadas pelo grupo socialista norte-americano *International Socialists*. Segundo uma apresentação do próprio Draper para uma versão, lançada em 1970, esta foi revisada e expandida a partir do artigo “Socialism from Below as the Meaning of Socialism,” publicado no periódico *Anvil*, em 1960, revista da *Young Peoples Socialist League*. A versão de 1960 também foi publicada na revista britânica *International Socialism* em 1962.

As duas almas do socialismo

Resumo: neste ensaio dos anos 1960, Hal Draper apresenta uma interpretação histórica do significado do socialismo democrático, “de baixo”. Para esta finalidade, seleciona algumas das mais importantes correntes socialistas do século XIX e XX para exemplificar os impasses da relação entre socialismo e democracia, especialmente o bloqueio desta pela emergência do socialismo “de cima”, tanto em sua versão elitista e reformista, como na burocrática.

Palavras-chave: 1. Socialismo; 2. Socialdemocracia; 3. Stalinismo

The two souls of Socialism

Abstract: in this 1960s essay, Hal Draper presents a historical interpretation of the meaning of democratic socialism “from below”. To this end, it selects some of the most important socialist currents of the nineteenth and twentieth centuries to exemplify the impasses of the relationship between socialism and democracy, especially its blocking by the emergence of socialism “from above” as much in its elitist and reformist version, as in the bureaucratic version.

Keywords: 1. Socialism; 2. Social-democracy; 3. Stalinism

Apresentação

***H**al Draper (1914-1990) foi um dos mais importantes teóricos marxistas e ativistas socialistas nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. De 1932 até sua morte, em 1990, Draper foi um escritor profícuo, um dos poucos com a extraordinária experiência política nos anos 1930 e 1940, da perseguição macarthista à atuação da esquerda nos anos 1950 e, depois, pelo ressurgimento dos movimentos de massas nos anos 1960 e 1970. Nos anos 1960 escreveu seu texto mais conhecido, *As duas almas do socialismo*; depois, entre 1970 e 1990, publicou em cinco volumes sua magnum opus intitulada *A teoria de revolução em Karl Marx*.*

Intelectual e ativista trotskista, Draper pesquisou detalhadamente os textos de Marx e Engels e, em combinação com intelectuais proeminentes como William Morris, Rosa Luxemburgo e Eugene V. Debs, desenvolveu o conceito de socialismo a partir de baixo, no qual destacou que a divisão central no movimento socialista não é entre revolução ou reforma, pacifismo ou violência, democracia ou autoritarismo, mas sim entre socialismo de baixo ou socialismo de cima. Apesar de seu caráter instigante e atual, este ensaio permaneceu virtualmente desconhecido do público brasileiro. Até agora.

*Originalmente escrito como um artigo em 1960 e revisado ao longo da década, *As Duas Almas de Socialismo* deve ser interpretado no contexto da gradual ascensão de uma Nova Esquerda liderada, nos Estados Unidos, pelos Estudantes para uma sociedade democrática [Students for a Democratic Society] e pela circulação, neste movimento, de ideias socialdemocratas, comunistas, trotskistas, anarquistas e maoístas. Um contexto em que o marxismo era renovado por uma nova geração, um olhar diferente do mundo, do socialismo e das disputas ideológicas entre as organizações de esquerda (GEIER, 2017-2018;*

FARIAS, 2009). Para Draper, o marxismo era a tradição de socialismo revolucionário a partir de baixo, ou seja, a auto-emancipação da classe trabalhadora por meio do controle e poder operário.

A luta socialista, a seu ver, deveria estar orientada para a expansão da liberdade da classe trabalhadora através de esforços autônomos. Nesta visão, as correntes dominantes de pensamento socialista de então – reformismo, stalinismo e maoísmo – eram interpretadas como variações de um socialismo a partir de cima, protagonizado por uma elite governante desconfiada do poder das massas e da possibilidade da classe trabalhadora recriar a sociedade através da sua própria iniciativa. Um socialismo, enfim, defensor de reformas e benefícios sem controle democrático de fato.

Neste ensaio, é possível mencionar duas grandes contribuições de Draper ao pensamento crítico. Primeiro, a ideia de que a socialdemocracia e o stalinismo, apesar das diferenças, tornam equivalentes socialismo e estatização da economia, bem como rejeitam o poder democrático operário como seu fundamento. O texto descreve como vários teóricos reformistas ao longo dos séculos XIX e XX, bem como stalinistas depois da Revolução Russa, rejeitaram o argumento central sobre a auto-emancipação da classe trabalhadora presente em Marx, colocando em seu lugar a representação parlamentar e partidária como forças motrizes do socialismo. Mostra, ainda, como na Guerra Fria essas duas ideologias dividiram de maneira aparente o mundo entre os que apoiavam uma Washington “democrata” ou uma Moscou “socialista”, minando as lutas democráticas de classe e fomentando guerras imperialistas nos dois lados.

A segunda contribuição de Draper, derivada da anterior, é a ênfase na conexão indissolúvel no marxismo entre democracia e socialismo. O texto mostra como Marx chegou ao socialismo através da reflexão a respeito da luta por direitos democráticos, que o socialismo era primeiramente sobre democracia coletiva a partir de baixo e não controle vindo de cima por decisão de líderes elitistas. A partir daí, Draper contrastou a teoria e a prática concretas, evidenciando o autoritarismo e elitismo em várias tradições socialistas, em contraste com as ideias democráticas e revolucionárias de Marx e Engels.

As duas almas do socialismo continua relevante, pois os “socialismos” predominantes em todo o mundo, inclusive no Brasil, ainda representam as variações de socialismo a partir de cima identificados por Draper há mais de

meio século. Essa percepção impõe, novamente, responder: qual a relação entre socialismo e democracia? O que é revolução? O que é controle operário? O que é poder operário? São questões ainda pertinentes para a esquerda, particularmente no contexto de nova ascensão dos movimentos sociais que questionam, sob vários aspectos, a tradição marxista e socialista. O texto de Draper segue um ponto de partida para quem enfatizar a centralidade da auto-emancipação da classe trabalhadora como motor das transformações radicais urgentes.

As duas almas do socialismo

A crise do socialismo hoje é uma crise no *significado* do socialismo. Pela primeira vez na história do mundo, é muito provável que a maioria do seu povo se classifique como “socialista” em um sentido ou outro; mas nunca houve um tempo em que o rótulo fosse menos informativo. O mais próximo de um conteúdo comum dos vários “socialismos” é um negativo: o *anticapitalismo*. Do lado positivo, a gama de ideias conflitantes e incompatíveis que se chamam de socialistas é mais ampla do que a disseminação de ideias dentro do mundo burguês.

Mesmo o anticapitalismo tem cada vez menos um fator comum. Em uma parte do espectro, vários partidos socialdemocratas virtualmente eliminaram quaisquer demandas especificamente socialistas de seus programas, prometendo manter a iniciativa privada sempre que possível. O exemplo mais proeminente é a socialdemocracia alemã: “como uma ideia, uma filosofia e um movimento social, o socialismo na Alemanha não é mais representado por um partido político” resume o livro de Chalmers (1964).² Esses partidos apagaram a existência do socialismo, mas a tendência que eles formalizaram é a da *inteira* democracia social-reformista. Em que sentido essas partidos ainda são “socialistas”?

² Na versão original, Draper não inseriu referências bibliográficas no texto e usou poucas notas de rodapé. Para facilitar a leitura em português, incluímos tais referências bibliográficas (com versões em português quando possível) no texto e em notas de rodapé, assim como algumas notas explanatórias e uma bibliografia completa ao final. [N. do T.]

Em outra parte do quadro mundial, há os Estados comunistas, cuja reivindicação de ser “socialista” é baseada em um negativo: a abolição do sistema capitalista de lucro privado, e o fato de que a classe que governa não consiste em proprietários de propriedade privada. Do lado positivo, entretanto, o sistema socioeconômico que substituiu o capitalismo não seria reconhecível por Karl Marx. O Estado possui os meios de produção – mas quem “é o dono” do Estado? Certamente não a massa de trabalhadores, que são explorados, não livres e alienados de todas as alavancas de controle social e político. Uma nova classe domina, os chefes burocráticos; ela governa um sistema coletivista – um coletivismo burocrático. A menos que a estatização seja mecanicamente equiparada ao “socialismo”, em que sentido essas sociedades são “socialistas”?

Esses dois socialismos autoproclamados são muito diferentes, mas têm mais em comum do que imaginam. A socialdemocracia tipicamente sonhava em “socializar” o capitalismo de cima para baixo. Seu princípio sempre foi que o aumento da intervenção estatal na sociedade e na economia é socialista *per se*. Traz uma forte semelhança familiar com a concepção stalinista de impor algo chamado socialismo “de cima para baixo” e de equiparar a estatização ao socialismo. Ambos têm suas raízes na história ambígua da ideia socialista.

De volta às raízes: as páginas seguintes propõem investigar o significado do socialismo historicamente, de uma nova maneira. Sempre houve diferentes “tipos de socialismo”, e eles costumam ser divididos em reformistas ou revolucionários, pacíficos ou violentos, democráticos ou autoritários, etc. Essas divisões existem, mas a divisão subjacente é outra. Ao longo da história dos movimentos e ideias socialistas, a divisão fundamental é entre o *socialismo “de cima”* e o *socialismo “de baixo”*.

O que une as muitas formas diferentes do socialismo “de cima” é a concepção de que o socialismo (ou um *fac-símile* razoável) deve ser *transmitido* para massas agradecidas de uma forma ou de outra, por uma elite dominante imune a toda forma efetiva de controle. O coração do “socialismo de baixo”, por sua vez, é a visão de que o socialismo só pode ser realizado através da auto-emancipação ativa das massas em movimento, que buscam a liberdade com suas próprias mãos, mobilizadas “desde baixo” na luta para tomar conta de seu próprio destino, como atores (e não meramente objetos) no palco da história. “A emancipação das classes trabalhadoras tem de ser conquistada pelas próprias

classes trabalhadoras” diz a primeira frase das diretrizes da I Internacional, escritas por Marx e princípio de seu trabalho por toda a vida (MARX; ENGELS, 1871).

A concepção do socialismo “de cima” explica a aceitação da ditadura comunista como uma forma de socialismo. É a concepção do socialismo que concentra a atenção socialdemocrata na superestrutura parlamentar da sociedade e na manipulação das “alturas comandantes” da economia e que as torna hostis à ação de massas a partir de baixo. O socialismo “de cima” é a tradição dominante no desenvolvimento do socialismo.

Por favor, note que essa tradição não é peculiar ao socialismo. Pelo contrário, o anseio pela emancipação “de cima” é um princípio que permeia tudo através de séculos de sociedade de classes e opressão política. É uma promessa permanente mantida por todo poder dominante para manter as pessoas em busca de proteção em vez de se libertarem da necessidade de proteção. O povo olhou para os reis para corrigir as injustiças feitas pelos senhores, aos messias para derrubar a tirania dos reis. Em vez do modo ousado de ação de massa a partir de baixo, é sempre mais seguro e mais prudente encontrar o “bom” governante que fará o bem ao povo. O padrão de emancipação “de cima” remonta à história da civilização e precisou aparecer também no socialismo. Mas é apenas no quadro do movimento socialista moderno que uma libertação a partir “de baixo” pode tornar-se uma aspiração realista; dentro do socialismo, veio à tona, mas apenas aos trancos e barrancos. A história do socialismo pode ser lida como esforço contínuo, embora mal sucedido, de libertar-se da velha tradição, a tradição da emancipação “de cima”. Na convicção de que a atual crise do socialismo é inteligível apenas em termos dessa grande divisão na tradição socialista, nos voltamos para alguns exemplos das duas almas do socialismo.

Alguns “antepassados” socialistas

Karl Kautsky, o principal teórico da II Internacional, iniciou seu livro sobre Thomas Morus com a observação de que as duas grandes figuras que inauguraram a história do socialismo foram Morus e Münzer, e que ambas

“seguem a longa linha dos socialistas, de Licurgo e Pitágoras a Platão, os Gracos, Catilina, Cristo” (cf. KAUTSKY, 1979). Esta é uma lista muito impressionante dos primeiros “socialistas” e, considerando sua posição, Kautsky certamente deve ter sido capaz de reconhecer um socialista. O que é mais fascinante nessa lista é a maneira como ela se desfaz em dois grupos bem diferentes.

A *Vida de Licurgo*, de Plutarco (1914), levou os primeiros socialistas a adotá-lo como fundador do “comunismo” espartano – e por isso Kautsky o inclui na lista. Mas, como descrito por Plutarco, o sistema espartano baseava-se na divisão igualitária da terra sob um regime de propriedade privada; não era de modo algum socialista. O sentimento “coletivista” que se pode obter de uma descrição do regime espartano vem de um lugar diferente: o modo de vida da própria classe dominante espartana, organizada como uma guarnição disciplinada permanente em estado de sítio; e a isto se acrescenta o regime terrorista imposto sobre os *hilotas* (escravos). Um socialista moderno não pode ler sobre o regime de Licurgo sem sentir que está encontrando não um antepassado do socialismo, mas um precursor do fascismo. Existe grande diferença! Como isto não foi percebido pelo principal teórico da democracia social?

Pitágoras fundou uma ordem de elite que agia como braço político da aristocracia fundiária contra o movimento democrático-plebeu; ele e seu partido foram finalmente derrubados e expulsos por um levante revolucionário popular. Kautsky parece estar do lado errado das barricadas. Mas, além disso, dentro da ordem pitagórica, prevalecia um regime de autoritarismo e regulamentação total. Apesar disso, Kautsky preferiu considerar Pitágoras um ancestral socialista por causa da crença de que os pitagóricos organizados praticavam o consumo comunal. Mesmo se fosse verdade (e Kautsky descobriu mais tarde que não era), isso teria tornado a ordem pitagórica exatamente tão comunista quanto qualquer mosteiro. Acrescenta aqui um segundo antepassado do totalitarismo na lista de Kautsky.

O caso da *República*, de Platão, é bem conhecido. O único elemento do “comunismo” em seu estado ideal é a prescrição do consumo monástico-comunal para a pequena elite de “guardiões” que constituem a burocracia e o exército; mas supõe que o sistema social circundante é de propriedade privada, não socialista. E – novamente – o modelo de Estado de Platão é governo por

uma elite aristocrática e enfatiza que a democracia inevitavelmente significa a deterioração e a ruína da sociedade. O objetivo político de Platão, de fato, era a reabilitação e purificação da aristocracia dominante para *combater* a maré da democracia. Chamá-lo de ancestral socialista implica uma concepção de socialismo que torna qualquer tipo de controle democrático irrelevante.

Por outro lado, Catilina e os Gracos *não* tinham lado coletivista. Seus nomes estão associados aos movimentos de massa da revolta democrático-popular contra o *establishment*. Eles não eram socialistas, com certeza, mas estavam do lado popular da luta de classes no mundo antigo, do movimento popular *a partir de baixo*. Parece que para o teórico da democracia social é tudo a mesma coisa. Aqui, na pré-história do nosso assunto, existem dois tipos de figuras prontas para serem adotadas no panteão do movimento socialista. Havia as figuras com um toque de (alegado) coletivismo mas que eram elitistas, autoritários e antidemocratas; e havia figuras *nada* coletivistas que estavam associadas a lutas de classes democráticas. Aparece uma tendência coletivista sem democracia e uma tendência democrática sem coletivismo, *mas nada que una essas duas correntes*.

Em Thomas Münzer, líder da ala esquerda revolucionária da Reforma Protestante, encontramos uma sugestão de tal fusão; um movimento social com ideias comunistas que também estava engajado em uma profunda luta democrática popular a partir de baixo. Em contraste, está precisamente Thomas Morus: o abismo entre esses dois contemporâneos vai ao coração do problema. A *Utopia* de Morus (2016) retrata uma sociedade completamente regulamentada, mais remanescente de 1984 que da democracia socialista, elitista de ponta a ponta, até escravidão, um típico socialismo “de cima”. Não é de surpreender que, desses dois “antepassados socialistas” que estão no limiar do mundo moderno, um (Morus) execrou o outro e apoiou os carrascos que o mataram e ao seu movimento. Qual era então o significado do socialismo quando veio ao mundo pela primeira vez? Desde o começo, foi dividido entre *duas almas* e houve guerra entre elas.

Os primeiros socialistas modernos

O socialismo moderno nasceu no decorrer do meio século entre a Revolução Francesa e as revoluções de 1848, assim como a democracia moderna. Contudo, socialismo e democracia não nasceram ligados como gêmeos siameses. Eles viajaram no começo por linhas paralelas. Quando as duas linhas se cruzaram pela primeira vez? Dos destroços da Revolução Francesa, surgiram diferentes tipos de socialismo. Vamos considerar três dos mais importantes à luz da nossa questão.

I. Babeuf. O primeiro movimento socialista moderno foi aquele liderado na última fase da Revolução Francesa por Babeuf, na “conspiração dos iguais”, concebido como uma continuação do jacobinismo revolucionário com um objetivo social mais consistente: uma sociedade de igualdade comunista. Isso representa a primeira vez na era moderna em que a ideia do socialismo foi vinculada à ideia de um movimento popular – uma combinação crucial. Essa combinação levanta uma questão crítica: o que exatamente é a relação que se entre essa ideia socialista e movimento popular? *Esta seria a questão-chave para o socialismo nos duzentos anos seguintes.*

Como os babouvistas pensavam: o movimento de massas do povo falhou; as pessoas parecem ter virado as costas para a revolução, mas ainda sofrem, ainda precisam do comunismo. *Nós sabemos disso.* A vontade revolucionária do povo foi derrotada por uma conspiração da direita, o que precisamos é de uma intriga de esquerda para recriar o movimento popular, para realizar a vontade revolucionária. Devemos, portanto, tomar o poder. Contudo, na medida em que as pessoas não estão mais prontas para tomar o poder, é necessário tomar o poder em seu nome a fim de elevá-las até esse ponto. Isso significa uma ditadura temporária por uma minoria; mas será uma ditadura educativa, capaz de criar as condições que possibilitem o controle democrático no futuro. Nesse sentido, *somos democratas.* Esta não será uma ditadura do povo, muito menos do proletariado; será uma ditadura *sobre* o povo com boas intenções.

Durante a maior parte dos cinquenta anos seguintes, a concepção da ditadura educacional sobre o povo continuou a ser o programa da esquerda revolucionária – através dos três “B” – Babeuf a Buonarroti a Blanqui – e, com jargão anarquista, também Bakunin. A nova ordem seria entregue ao povo

sofredor pelo grupo revolucionário. Esse típico socialismo “de cima” foi a primeira e mais primitiva forma de socialismo revolucionário, que ainda hoje cultiva admiradores, de Castro à Mao, que pensam ser a última palavra do revolucionarismo.

II. Saint-Simon. Surgindo do período revolucionário, uma mente brilhante tomou um rumo totalmente diferente para o qual Saint-Simon foi impelido por uma repulsa *contra* a revolução, a desordem e os distúrbios. O que o fascinava eram as potencialidades da indústria e da ciência. Sua visão não tinha nada a ver com qualquer coisa parecida com igualdade, justiça, liberdade, direitos do homem ou paixões aliadas. Olhava para modernização, industrialização, planejamento como divorciadas daqueles princípios. A industrialização planejada era a chave para o novo mundo e, obviamente, as pessoas que conseguiriam isso foram as oligarquias financeiras e empresariais, cientistas, tecnólogos, gerentes. Quando não apelou para isso, convocou Napoleão ou seu sucessor, Luís XVIII, para implementação de uma ditadura régia. Seus esquemas variavam, mas eram todos completamente autoritários até a última ordenança planejada. Um racista sistemático e um ativista imperialista, Saint-Simon era o furioso inimigo da de igualdade e liberdade, que interpretava como filhos da Revolução Francesa.

Foi somente na última fase de sua vida (1825) que, desapontado com a resposta da elite natural em cumprir seu dever e impor a nova oligarquia modernizadora, Saint-Simon se voltou para apelar aos trabalhadores que estavam embaixo. O “Novo Cristianismo” era um movimento popular, mas seu papel seria simplesmente convencer os poderes existentes a seguirem os conselhos dos planejadores saint-simonianos. Os trabalhadores devem se organizar, mas para pedir a seus capitalistas e chefes administrativos que substituam as “classes ociosas”. Qual foi, então, a relação entre a ideia da sociedade planejada e o movimento popular? As pessoas, o movimento, poderiam ser úteis como um aríete nas mãos de alguém. A última ideia de Saint-Simon foi de um movimento “de baixo” para efetuar um socialismo “de cima”. Neste, o poder e o controle deveriam permanecer onde sempre estiveram: no alto.

III. Os utópicos. Um terceiro tipo de socialismo que surgiu na geração pós-revolucionária foi o dos socialistas utópicos – Robert Owen, Charles Fourier,

Etienne Cabet, etc. Eles criaram uma colônia comunal ideal, imaginada completamente pelo cérebro do líder, para ser financiada pela graça dos ricos filantrópicos sob a asa do poder benevolente.

Owen (em muitos aspectos o mais simpático do grupo) era tão categórico quanto qualquer um deles: “Essa grande mudança (...) deve e será realizada pelos ricos e poderosos. Não há outros partidos para fazê-lo (...) é uma perda de tempo, talento e meios pecuniários para os pobres lutarem contra os ricos e poderosos (...)” (OWEN, 1838, p. 19). Naturalmente, ele era contra o “ódio de classe”, a luta de classe. Dos muitos que acreditam nisso, poucos escreveram com tanta clareza que o objetivo desse “socialismo” seria “governar ou tratar toda a sociedade como os médicos mais avançados governam e tratam seus pacientes nos hospícios mais bem organizados”, com “tolerância e gentileza” para os desafortunados que “se tornaram assim devido a irracionalidade e injustiça do sistema social mais irracional da atualidade” (OWEN, 1850, p.72).

A sociedade de Cabet previa eleições, mas não poderia haver discussão livre; e uma imprensa controlada, doutrinação sistemática e uniformidade completamente regulamentada foram insistidos como parte da prescrição. Para esses socialistas utópicos, qual era a relação entre a ideia socialista e o movimento popular? Este último era o *rebanho* a ser cuidado pelo bom pastor. Não se deveria supor que o socialismo “de cima” implicasse necessariamente intenções cruelmente despóticas. Esta corrente de socialismos “de cima” está longe de morrer. Ao contrário, é tão moderna que um escritor como Martin Buber, em *Socialismo Utópico*, pode realizar a notável façanha de tratar os velhos utópicos como se fossem grandes democratas “libertários”!³ Este mito é bastante difundido e aponta, mais uma vez, para a insensibilidade extraordinária de escritores e historiadores socialistas em relação ao registro profundamente arraigado do socialismo “de cima” como o componente dominante nas duas almas do socialismo.

³ Ver Buber (2007). Sobre Buber, ver Löwy (2009). [N. do T.]

O que Marx fez

O utopismo era elitista e antidemocrático porque era utópico – isto é, procurava a prescrição de um modelo pré-fabricado, o sonho de um plano a ser desejado. Acima de tudo, era inerentemente hostil à própria ideia de transformar a sociedade a partir de baixo, pela intervenção perturbadora das massas em busca de liberdade, mesmo quando finalmente aceitava o recurso ao instrumento de um movimento de massas para pressionar os “do topo”. No movimento socialista, como se desenvolveu antes de Marx, em nenhum lugar a linha da ideia socialista cruzou a linha da democracia “de baixo”.

Essa intersecção, essa síntese entre democracia e igualdade, foi a grande contribuição de Marx e, em comparação a ela, todo o conteúdo de *O Capital* é secundário. Ela é o coração do marxismo: “é a Lei; todo o resto é comentário”.⁴ O *Manifesto Comunista*, de 1848, marcou a autoconsciência do primeiro movimento, nas palavras de Engels, “cuja noção foi, desde o início, que a emancipação da classe trabalhadora deve ser o ato da classe trabalhadora em si” (ENGELS, 1888).

O jovem Marx passou pelo estágio mais primitivo justamente como o embrião humano passa pelo estágio branquial; em outras palavras, uma de suas primeiras imunizações foi obtida ao pegar a doença mais difundida de todas, a ilusão do *salvador-déspota*. Quando Marx tinha 22 anos, o velho kaiser morreu e, aos elogios dos liberais, Friedrich Wilhelm IV aderiu ao trono em meio às expectativas de reformas democráticas “de cima”. Nada disso aconteceu. Marx nunca voltou a essa noção, que atormentou todo o socialismo com suas esperanças em salvadores-ditadores ou salvadores-presidentes.

Marx entrou na política como o editor aguerrido de um jornal que era o órgão da extrema esquerda da democracia liberal da região industrial da Renânia e logo se tornou a principal voz editorial da defesa da completa democracia política na Alemanha. O primeiro artigo que publicou foi uma polêmica em favor da liberdade incondicional da imprensa de toda a censura do Estado. No momento em que o governo imperial forçou sua demissão, Marx se voltava para descobrir as novas ideias socialistas vindas da França. Quando esse

⁴ Esse é uma famosa frase do texto religioso judaico, o *Talmude*, Shabat 31a. [N.do T.]

importante porta-voz da democracia liberal se tornou um socialista, ainda defendia a defesa da democracia – exceto que a democracia agora tinha um significado ainda mais profundo. Marx foi o primeiro pensador e líder socialista a chegar ao socialismo *por meio* da luta pela democracia liberal.

Em notas manuscritas de 1844, ele rejeitou o “comunismo grosseiro” que nega a personalidade humana e pensou no comunismo como “humanismo consumado” (MARX, 2004, p. 105). Em 1845, com Engels, elaborou uma linha de argumento contra o elitismo da corrente socialista representada por um Bruno Bauer. Em 1846, organizavam os “comunistas democratas alemães” no exílio, em Bruxelas, quando Engels escreveu: “em nosso tempo, democracia e comunismo são um só”; “somente os proletários são capazes de confraternizar, realmente, sob a bandeira da democracia comunista” (MARX; ENGELS, 1976, p. 6).

Ao elaborar o ponto de vista que primeiramente uniu a nova ideia comunista às novas aspirações democráticas, Marx e Engels entraram em conflito com as seitas comunistas existentes, como a de Weitling, que sonhava com uma ditadura messiânica. Antes de se juntarem ao grupo que se tornou a Liga Comunista (para a qual escreveriam o *Manifesto Comunista*), estipularam que a organização fosse transformada, de uma conspiração de elite do tipo antigo, em um grupo de propaganda aberta, na qual “tudo que levasse ao autoritarismo supersticioso fosse eliminado das regras” e na qual o comitê principal fosse eleito por todos os membros, em oposição à tradição das “decisões por cima”. Eles ganharam a maioria na Liga para esta nova abordagem e, em uma revista publicada em 1847, – apenas alguns meses antes do *Manifesto Comunista* – o grupo anunciou:

“Nós não estamos entre os comunistas que querem destruir a liberdade pessoal, que desejam transformar o mundo em um enorme quartel ou em um gigantesco reformatório. Há certamente alguns comunistas que, de consciência tranquila, recusam-se a aceitar a liberdade pessoal e gostariam de embaralhá-la para fora do mundo, porque consideram que isso é um obstáculo à completa harmonia. Mas não temos desejo de trocar a liberdade pela igualdade. Estamos convencidos (...) de que em nenhuma ordem social a liberdade pessoal será tão assegurada como em uma sociedade baseada na propriedade comunal (...) [Vamos colocar] nossas mãos para trabalhar a fim de estabelecer um estado democrático em que cada parte seria capaz por palavra ou por escrito

para ganhar a maioria das suas ideias (...). (ENGELS apud RYAZOFF, 1930, p. 262).

O *Manifesto Comunista* que saiu dessas discussões proclamava que o primeiro objetivo da revolução era “vencer a batalha da democracia”. Quando, dois anos depois e depois do declínio das revoluções de 1848, a Liga Comunista rachou, estava em conflito, mais uma vez com o “comunismo grosseiro” do *putschismo*, que pensava em substituir certos bandos revolucionários pelo movimento real de massas de uma classe trabalhadora esclarecida. Marx disse a eles:

“A minoria (...) faz mera vontade a força motriz da revolução, em vez de relações reais. Enquanto nós dizemos aos trabalhadores: ‘Vocês terão que passar por quinze ou vinte ou cinquenta anos de guerras civis e guerras internacionais, não apenas para mudar as condições existentes, mas também para mudar a si mesmos e para se tornarem aptos para o domínio político’ você, por outro lado, diz aos trabalhadores: ‘devemos alcançar o poder de uma só vez, ou então devemos só ir dormir.’” (MARX apud RÜHLE, 1929).

“Para transformarem a si mesmos e tornarem-se aptos para a dominação política”: este é o programa de Marx para o movimento da classe trabalhadora, contra aqueles que dizem que os trabalhadores podem tomar o poder em qualquer domingo, e aqueles que dizem nunca. Assim, o marxismo surgiu, na luta autoconsciente contra os defensores da ditadura educacional, os ditadores-salvadores, os elitistas revolucionários, os autoritários comunistas, bem como os benfeitores filantrópicos e liberais burgueses. Esse era o marxismo *de Marx*, não a monstruosidade caricaturada que é pintada com esse rótulo tanto pela professorado do Establishment, que estremece o intransigente espírito de oposição revolucionária de Marx ao status quo capitalista, como também pelos stalinistas e neo-stalinistas, que devem esconder o fato de que Marx se formou fazendo guerra contra o *seu* tipo.

“Foi Marx quem finalmente juntou as duas ideias do socialismo e da democracia”,⁵ pois ele desenvolveu uma teoria que tornou a síntese possível pela primeira vez. O cerne da teoria é essa proposição: *que existe uma maioria social*

⁵ A citação é da autobiografia de H.G. Wells. Inventor de algumas das utopias mais sombrias do socialismo, Wells está aqui denunciando Marx por esse passo histórico.

que tem o interesse e a motivação para mudar o sistema, e que o objetivo do socialismo pode ser a educação e a mobilização dessa maioria de massa. Esta é a classe explorada, a classe trabalhadora, da qual vem a eventual força motriz da revolução. Daí um Socialismo-de-Baixo é possível, com base em uma teoria que vê as potencialidades revolucionárias nas amplas massas, mesmo que pareçam retrógradas em um dado momento e lugar. *O Capital*, afinal de contas, nada mais é do que a demonstração da base econômica dessa proposição.

É apenas tal teoria do socialismo da classe trabalhadora que torna possível a fusão do socialismo revolucionário e da democracia revolucionária. Não estamos discutindo neste ponto nossa convicção de que essa fé é justificada, mas apenas insistindo na alternativa: todos os socialistas ou aspirantes a reformadores que a repudiam devem passar para algum socialismo “de cima”, seja do tipo reformista, utópico, burocrática, stalinista, maoísta ou castrista. E eles fazem.

Cinco anos antes do *Manifesto Comunista*, um socialista recém-convertido, de 23 anos, ainda escrevia na velha tradição elitista: “podemos recrutar em nossas fileiras apenas daquelas classes que tiveram uma boa educação; isto é, das universidades e da classe comercial” (Engels, 1843). O jovem Engels foi quem melhor aprendeu; mas esta sabedoria obsoleta ainda está conosco como sempre.

O mito do “libertarianismo” anarquista

Um dos autoritários mais profundos da história do radicalismo não é outro senão o “pai do anarquismo”, Proudhon, cujo nome é periodicamente revivido como um grande modelo “libertário”, por causa de sua laboriosa repetição da palavra liberdade e suas invocações para “revolução de baixo”. Alguns podem estar dispostos a ignorar sua forma hitlerista de antissemitismo (“O judeu é o inimigo da humanidade. É necessário mandar essa raça de volta para a Ásia, ou exterminá-la (...)” (PROUDHON, 1960). Ou seu racismo de princípio em geral (ele achava certo que o Sul mantivesse os negros americanos em escravidão, já que eles eram as mais baixas das raças inferiores) (PROUDHON apud SCHAPIRO,

1945, p. 729).⁶ Ou sua glorificação da guerra por si mesma (da maneira exata de Mussolini). Ou a opinião dele de que as mulheres não têm direitos “Eu nego a ela todos os direitos políticos e todas as iniciativas. Para a mulher, liberdade e bem-estar são unicamente no casamento, na maternidade, nos deveres domésticos” (*ibid.*, p. 730-731).⁷ – ou seja, o “Kinder-Kirche-Küche” dos nazistas.⁸

Mas não é possível encobrir sua violenta oposição não só ao sindicalismo e ao direito de greve (até mesmo ao apoio das policiais furarem greves), mas a toda e qualquer ideia do direito de voto, do sufrágio universal, da soberania popular e da própria ideia de constituições. “Toda essa democracia me enoja (...) O que eu não daria para entrar nesta turba com meus punhos cerrados!” (*ibid.*, p. 724). Suas anotações para a sua sociedade ideal incluem a supressão de todos os outros grupos, qualquer reunião pública por mais de vinte pessoas, qualquer imprensa livre e qualquer eleição; nas mesmas anotações, ele espera “uma inquisição geral” e a condenação de “vários milhões de pessoas” ao trabalho forçado – “uma vez feita a revolução” (PROUDHON apud DRAPER, 1969).⁹

Por trás de tudo isso, havia um forte desprezo pelas massas populares – o fundamento necessário do Socialismo-de-Cima, pois o oposto era o fundamento do marxismo. As massas são corruptas e sem esperança “Eu adoro a humanidade, mas cuspo nos homens!”. Eles são “apenas selvagens (...) a quem é nosso dever civilizar e sem torná-los nosso soberano”, escreveu ele a um amigo que ele desdenhosamente repreendeu: “Você ainda acredita nas pessoas”

⁶ É provável que Draper tenha se baseado parcialmente nestes trechos sobre Proudhon no artigo de Schapiro (1945). Muitas citações e exemplos usados por Draper se encontram nesse artigo bem como as referências originais dos textos de Proudhon em francês. Por uma resposta anarquista contemporânea ao artigo de Schapiro, cf. Chiaromonte (1946). Não há dúvida que Proudhon expressava ideias racistas, machistas e militaristas, mas alguns autores argumentam que não eram centrais às suas ideias como um todo, cf. Bates (2018). Em português há pouco traduzido deste autor, mas ver. Proudhon (1998). [N. do T.]

⁷ Sobre Proudhon e as mulheres, cf. Gemie (1996, p. 422-443). [N. do T.]

⁸ Um lema nazista que significa “Crianças, Cozinha, Igreja”. [N. do T.]

⁹ Ver Draper (1969) para uma crítica de Proudhon com referências exatas aos seus textos. [N. do T.]

(*ibid.*). O progresso pode vir apenas da mestria de uma elite que cuida para não dar às pessoas a soberania.

Em um momento ou outro, ele olhou para algum déspota governante como o ditador de um homem só que traria a Revolução: Louis Bonaparte – ele escreveu um livro inteiro em 1852 exaltando o Imperador como o portador da Revolução; o príncipe Jerome Bonaparte; finalmente, o czar Alexandre II: “não se esqueça que o despotismo do czar é necessário para a civilização” (*ibid.*).

Havia um candidato para o trabalho do ditador mais perto de casa, é claro: ele mesmo. Ele elaborou um esquema detalhado para um negócio “mutualista”, cooperativo em forma, que se espalharia para assumir todos os negócios e depois o Estado. Em suas anotações, Proudhon se colocou como o gerente geral, naturalmente não sujeito ao controle democrático que ele tanto desprezava. Ele cuidou dos detalhes antecipadamente: “Elabore um programa secreto, para todos os gerentes: eliminação irrevogável da realeza, democracia, proprietários, religião [e assim por diante]”. – “Os gerentes são os representantes naturais do país. Os ministros são apenas gerentes superiores ou diretores gerais: como serei um dia (...) quando formos os mestres, a Religião será o que queremos que seja; igualmente a educação, filosofia, justiça, administração e governança” (*ibid.*).

O leitor, que pode estar cheio das habituais ilusões sobre o “libertarianismo” anarquista, pode perguntar: ele era então insincero sobre seu grande amor pela liberdade? De modo algum: é necessário apenas entender o que significa “liberdade” anarquista. Proudhon escreveu: “O princípio da liberdade é o da Abadia de Theleme [em Rabelais]: faça o que quiser!” E o princípio significava: “qualquer homem que não pode fazer o que quer e qualquer coisa que ele quer tem o direito de se revoltar, mesmo sozinho, contra o governo, mesmo que o governo fosse todo mundo”. “*o único homem que pode gozar dessa liberdade é um déspota*” (*ibid.*); este é o sentido da brilhante percepção de Shigalev de Dostoiévski: ‘Partindo da liberdade ilimitada, chego ao despotismo ilimitado’¹⁰.

A história é semelhante com o segundo “pai do anarquismo”, Bakunin, cujos esquemas de ditadura e supressão do controle democrático são mais conhecidos do que os de Proudhon. A razão básica é a mesma: o Anarquismo

¹⁰ Ver Dostoiévski (2004).

não está preocupado com a criação do controle democrático a partir de baixo, mas apenas com a destruição da “autoridade” sobre o indivíduo, incluindo a autoridade da regulação mais democrática da sociedade que é possível imaginar. Isso ficou claro por expositores anarquistas de autoridade, repetidas vezes; por exemplo, por George Woodcock (2018): “mesmo que a democracia fosse possível, o anarquista ainda não a apoiaria (...) Os anarquistas não defendem a liberdade política. O que eles defendem é a liberdade da política (...)”.¹¹ O anarquismo é, a princípio, ferozmente antidemocrático, já que uma *autoridade* idealmente democrática ainda é autoridade. Mas desde então, rejeitando a democracia, não há outra maneira de resolver as inevitáveis divergências e diferenças entre os habitantes de Theleme, sua liberdade ilimitada para cada indivíduo não controlado é indistinguível do despotismo ilimitado por tal indivíduo, tanto na teoria quanto na prática.

O grande problema de nossa época é a conquista do *controle democrático a partir de baixo sobre os vastos poderes da autoridade social moderna*. O anarquismo, que é o mais livre de todos com seu palavreado sobre algo de baixo, rejeita essa meta. É o outro lado da moeda do despotismo burocrático, com todos os seus valores virados do avesso, não a cura ou a alternativa.

Lassalle e socialismo de Estado

O próprio modelo de socialdemocracia moderna, o Partido Social Democrata Alemão, é muitas vezes representado como tendo surgido numa base marxista. Isso é um mito, como muitas outras histórias existentes do socialismo. O impacto de Marx foi forte, inclusive em alguns dos principais líderes por um tempo, mas a política que permeava e finalmente dominava o partido vinha principalmente de duas outras fontes. Um deles foi Ferdinand Lassalle, que fundou o socialismo alemão como um movimento organizado (1863); e o outro eram os fabianos britânicos, que inspiraram o “revisionismo” de Eduard Bernstein. Lassalle é o protótipo do socialista de Estado – o que significa aquele que visa obter o socialismo transmitido pelo estado existente.

¹¹ Em português, ver Woodcock (2002) e (2008). [N. do T.]

Ele não foi o primeiro exemplo proeminente (o qual foi Louis Blanc), mas para ele o estado existente era o Estado do Kaiser sob Bismarck.

O Estado, disse Lassalle aos trabalhadores, é algo “que vai conseguir para cada um de nós o que nenhum de nós poderia conseguir para si mesmo”. Marx ensinou exatamente o oposto: que a classe trabalhadora tinha que alcançar sua emancipação e abolir o existente Estado no curso. Eduard Bernstein estava certo ao dizer que Lassalle “fez uma verdadeira seita” do Estado. “O imenso fogo vestal de toda a civilização, o Estado, eu defendo com você contra os bárbaros modernos [a burguesia liberal]”, disse Lassalle a um tribunal prussiano (BERNSTEIN, 1983, cap.VI). Foi isso que fez Marx e Lassalle “fundamentalmente opostos”, destaca o biógrafo de Lassalle, Footman (1994), que expõe seu pró-prussianismo, o nacionalismo pró-prussiano e o imperialismo pró-prussiano.

Lassalle organizou este primeiro movimento socialista alemão como sua ditadura pessoal. Conscientemente, ele começou a construí-lo como *um movimento de massas a partir de baixo para alcançar um Socialismo-de-Cima* (lembre-se do aríete de Saint-Simon). O objetivo era convencer Bismarck a distribuir concessões – particularmente o sufrágio universal, em cuja base um movimento parlamentar de Lassalle poderia se tornar um aliado em massa do Estado bismarckiano em uma coalizão contra a burguesia liberal. Para este fim, Lassalle tentou negociar com o Chanceler de Ferro. Enviando-lhe os estatutos ditatoriais de sua organização como “a constituição do meu reino que talvez você me invejará”, continuou Lassalle:

“Mas esta miniatura será suficiente para mostrar como é verdade que a classe trabalhadora sente uma tendência instintiva em direção a uma ditadura, se é que pode ser justamente persuadida de que a ditadura será exercida em seus interesses; e quanto, apesar de todos os pontos de vista republicanos – ou melhor, precisamente por causa deles – estaria inclinado, como eu disse recentemente, a olhar para a Coroa, em oposição ao egoísmo da sociedade burguesa, como o representante natural da ditadura social, se a Coroa, por sua vez, pudesse tomar uma decisão sobre o – certamente muito improvável – passo de eliminar uma linha realmente revolucionária e se transformar de uma monarquia das ordens privilegiadas em uma monarquia popular e social revolucionária” (FOOTMAN, 1969, p. 178-179).

Embora essa carta secreta não fosse conhecida na época, Marx compreendeu perfeitamente a natureza do lassalleanismo. Ele disse a Lassalle na cara dele que ele era um “bonapartista” (MARX; ENGELS, 1985, v. 41, p. 390) e escreveu prescientemente que “sua atitude é a do futuro ditador operário” (*ibid.*, p. 467). A tendência de Lassalle ele chamou de “socialismo do governo prussiano real” (*ibid.*, v. 20, p. 80), denunciando sua “aliança com os absolutistas e feudais opositores contra a burguesia” (MARX, 2012, p. 35).

“Ao invés do processo revolucionário de transformação da sociedade”, escreveu Marx, Lassalle vê o socialismo surgindo “da ‘subvenção estatal’ que o Estado concede às cooperativas de produção ‘criados por *ele*, e não pelos trabalhadores” (*ibid.*, p. 40). Marx ridiculariza isso. “No que diz respeito às atuais sociedades cooperativas, elas só têm valor na medida em que são criações dos trabalhadores e independentes, não sendo protegidas nem pelos governos nem pelos burgueses” (*ibid.*, p. 41). Aqui está uma declaração clássica do significado da palavra *independente* como a pedra angular do Socialismo-de-Baixo versus socialismo de Estado.

Há um exemplo instrutivo do que acontece quando um antimarxista acadêmico do tipo norte-americano se depara com esse aspecto de Marx. A *Democracia e Marxismo*, de Mayo, – posteriormente revisada como *Introdução à Teoria Marxista* – prova facilmente que o marxismo é antidemocrático principalmente pelo simples expediente de definir o marxismo como “a ortodoxia de Moscou”. Mas pelo menos ele parece ter lido Marx e percebeu que em nenhum lugar em acres de escrita e uma longa vida, Marx demonstrou preocupação com mais poder para o Estado, mas pelo contrário. Marx, ficou claro para ele, não era um “estatista”: “A crítica popular contra o marxismo é que ele tende a degenerar em uma forma de ‘estatismo’. À primeira vista [isto é, lendo] a crítica parece equivocada, pois a virtude da teoria política de Marx (...) é a total ausência de qualquer glorificação do Estado” (MAYO, 1960, p. 270).

Essa descoberta oferece um notável desafio para os críticos de Marx, que sabem, é claro, que o marxismo *deve* glorificar o Estado. Mayo resolve a dificuldade em duas afirmações: (1) “o estatismo está implícito nas exigências do planejamento total (...)” (*ibid.*); (2) Olhe para a Rússia. Mas Marx não fez fetiche de “planejamento total”. Ele foi frequentemente denunciado (por outros críticos marxistas) por falhar na elaboração de um projeto de socialismo

precisamente porque ele reagiu de forma tão violenta contra o “planismo” utópico ou planejamento “de cima” de seus predecessores. O “planismo” é precisamente a concepção de socialismo que o marxismo queria destruir. O socialismo deve envolver planejamento, mas “planejamento total” não é igual ao socialismo, assim como qualquer tolo pode ser um professor, mas nem todo professor precisa ser um tolo.

O modelo fabiano

Na Alemanha, por trás da figura de Lassalle, há uma série de “socialismos” que se movem em uma direção interessante. Os chamados socialistas acadêmicos – “socialistas da cátedra”, *Kathedersozialisten*, uma corrente de acadêmicos do *establishment* – olharam para Bismarck mais abertamente do que Lassalle, mas sua concepção de socialismo de Estado não era em princípio alheia à sua. Só que Lassalle embarcou no arriscado expediente de chamar a atenção para um movimento de massas de baixo para esse fim – arriscado porque, uma vez em movimento, poderia sair do controle, como de fato aconteceu mais de uma vez. O próprio Bismarck não hesitou em representar suas políticas econômicas paternalistas como uma espécie de socialismo, e livros foram escritos sobre “socialismo monárquico”, “socialismo de Estado bismarckiano”, etc. Seguindo adiante à direita, chega-se ao “socialismo” de Friedrich List, um proto-nazista, e àqueles círculos em que uma forma anticapitalista de antisemitismo (Dühring, A. Wagner, etc.) faz parte da base do movimento que se denominou socialismo sob Adolf Hitler.

O fio condutor que une todo este espectro, através de todas as diferenças, é a concepção do *socialismo como equivalente à intervenção estatal na vida econômica e social*. “Staat, greif zu!”, gritou Lassalle. “Estado, tome medidas!” – isto é o socialismo de toda essa turma. É por isso que Schumpeter está correto em observar que o equivalente britânico do socialismo de Estado alemão é o fabianismo, o socialismo de Sidney Webb. Os fabianos (mais precisamente, os webbianos) são, na história da ideia socialista, aquela corrente socialista moderna que se desenvolveu em um divórcio completo do marxismo, o mais estranho ao marxismo. Era quase completamente socialdemocrata reformista

purista, particularmente antes da ascensão do movimento trabalhista e socialista em massa na Grã-Bretanha, que não queria e não ajudava a construir (apesar de um mito comum ao contrário). É, portanto, um exemplo muito importante, ao contrário da maioria das outras correntes reformistas que prestaram tributo ao marxismo adotando parte de sua linguagem e distorcendo sua substância.

Os fabianos, deliberadamente de classe média na composição e no apelo, não estavam a favor de construir nenhum movimento de massa, muito menos um fabiano. Eles se consideravam uma pequena elite de intelectuais que permeariam as instituições existentes da sociedade, influenciariam os verdadeiros líderes em todas as esferas conservadoras ou Liberais e guiariam o desenvolvimento social em direção à sua meta coletivista com a “inevitabilidade da gradualidade”. Uma vez que sua concepção do socialismo era puramente em termos de intervenção estatal (nacional ou municipal) e sua teoria dizia que o próprio capitalismo estava sendo coletivizado a cada dia e tinha que se mover nessa direção, sua função era simplesmente apressar o processo. A Sociedade Fabiana foi projetada em 1884 para ser um peixe-piloto de um tubarão: a princípio, o tubarão era o Partido Liberal; mas quando a permeação do Liberalismo falhou miseravelmente, e a classe trabalhadora finalmente organizou seu próprio partido de classe apesar dos fabianos, o peixe-piloto simplesmente se recolocou.

Talvez não haja outra tendência socialista que, de forma tão sistemática e até consciente, elaborou sua teoria como um socialismo “de cima”. A natureza desse movimento foi reconhecida cedo, embora mais tarde tenha sido obscurecida pela fusão do fabianismo no corpo do reformismo trabalhista. O principal socialista cristão dentro da Sociedade Fabiana certa vez atacou Webb como “um coletivista burocrático” (talvez o primeiro uso desse termo). O livro de 1912 de Hilaire Belloc (2007) sobre *O Estado servil*, famoso na época, foi em grande parte deflagrado pelo tipo Webb cujo “ideal coletivista” era basicamente burocrático. G.D.H. Cole (1954, p. 31) lembrou: “Os Webbs, naqueles dias, costumavam gostar de dizer que todo mundo que era ativo na política era um ‘A’ ou um ‘B’ – um anarquista ou um burocrata - e que eles eram ‘B’”.

Essas caracterizações dificilmente transmitem todo o teor do coletivismo webbiano que era o fabianismo. Ele foi completamente gerencial, tecnocrático, elitista, autoritário, “planejista”. Webb gostava do termo “*wirepulling*” (puxador

de fios) quase como sinônimo de política. Uma publicação fabiana escreveu que eles queriam ser “os jesuítas do socialismo”. O evangelho era “Ordem e Eficiência”. As pessoas, que deveriam ser tratadas gentilmente, estavam preparadas para serem conduzidas apenas por especialistas competentes. Luta de classes, revolução e turbulência popular eram insanidade. Em *Fabianismo e o Império* (1900), de Bernard Shaw, o imperialismo foi elogiado e abraçado. Se alguma vez o movimento socialista desenvolveu seu próprio coletivismo burocrático, foi isso.

“Pode-se pensar que o socialismo é essencialmente um movimento de baixo, um movimento de classe”, escreveu um porta-voz fabiano, Sidney Ball (1896, p. 2-3), para desiludir o leitor dessa ideia; mas agora os socialistas “abordam o problema a partir da visão científica e não da popular; eles são teóricos da classe média”, ele se gabou, explicando que há “uma ruptura distinta entre o socialismo da rua e o socialismo da cadeira”.

A sequelagem também é conhecida, embora muitas vezes encoberta. Enquanto o fabianismo como uma tendência especial se esgotou na maior corrente do reformismo do Partido Trabalhista até 1918, os principais fabianos seguiram em outra direção. Tanto Sidney e Beatrice Webb quanto Shaw – o principal trio – tornaram-se partidários de princípios do totalitarismo stalinista nos anos 1930. Mesmo antes, Shaw, que achava que o socialismo precisava de um super-homem, havia encontrado mais de um. Por sua vez, ele abraçou Mussolini e Hitler como déspotas benevolentes para entregar o “socialismo” aos *Yahoos*,¹² e ficou desapontado apenas que eles não aboliram o capitalismo. Em 1931, Shaw (1942) revelou, depois de uma visita à Rússia, que o regime de Stalin era na verdade fabianismo. Os Webbs seguiram para Moscou e encontraram Deus. Em seu *Comunismo Soviético: uma Nova Civilização* (2013), eles provaram (com base nos próprios documentos de Moscou e nas afirmações de Stalin, diligentemente pesquisadas) que a Rússia é a maior democracia do mundo; Stalin não é um ditador; a igualdade reina para todos; a ditadura de partido único é necessária; o Partido Comunista é uma elite completamente democrática trazendo civilização aos eslavos e mongóis (mas não aos ingleses);

¹² O termo “yahoo” quer dizer pessoas “brutas”, “grosseiras”. [N. do T.]

a democracia política fracassou no Ocidente de qualquer maneira, e não há razão para que os partidos políticos sobrevivam em nossa era.

Eles apoiaram firmemente Stalin nos Processos de Moscou e no Pacto Hitler-Stalin, sem um visível escrúpulo, e morreram mais pró-stalinistas acríticos do que podem agora ser encontrados no Politburo. Como Shaw (1942, p. 13) explicou, os Webbs não tinham nada além de desprezo pela própria Revolução Russa, mas “os Webbs esperavam até que os destroços e a ruína da mudança terminassem, seus erros fossem sanados e o Estado comunista fosse lançado de forma justa”. Isto é, esperavam até as massas revolucionárias terem sido amarradas, e os líderes da revolução terem sido cassados, a tranquilidade eficiente de a ditadura ter se estabelecido, a contrarrevolução firmemente constituída; e então eles vieram para pronunciar o Ideal.

Isso foi realmente um mal entendido gigantesco, algum erro incompreensível? Ou eles não estavam certos em pensar que isso realmente era o “socialismo” que combinava com sua ideologia, com ou sem um pouco de sangue? A oscilação do fabianismo, da permeação da classe média ao stalinismo, foi o balanço de uma porta que se baseava no socialismo “de cima”.

Se olharmos para as décadas imediatamente anteriores à virada do século que lançou o fabianismo no mundo, surge outra figura, a antítese de Webb: a principal personalidade do socialismo revolucionário naquele período, o poeta e artista William Morris, que se tornou um socialista e marxista com seus quarenta e tantos anos. Os escritos de Morris sobre o socialismo respiram de todos os poros o espírito do Socialismo-de-Baixo, assim como toda linha de Webb é o oposto. Isto é talvez mais claro em seus ataques ao fabianismo (pelas razões certas); sua aversão ao “marxismo” da edição britânica de Lassalle, o ditatorial H. M. Hyndman; suas denúncias do socialismo de Estado; e sua repugnância pela utopia burocrática-coletivista de *Daqui a cem anos: revendo o futuro*, de Bellamy.¹³ O último o levou a comentar: “Se eles *me* colocassem em um regimento de trabalhadores, eu simplesmente me deitaria de costas e chutaria” (MORRIS, 2004, p. XXVIII).¹⁴

¹³ Para uma versão em português, cf. Bellamy (1960). Sobre as ideias de Bellamy, cf. Vasconcelos (2013). [N. do T.]

¹⁴ Ver a biografia excelente de Edward Thompson (2011). [N. do T.]

Os escritos socialistas de Morris são permeados com sua ênfase na luta de classes de baixo em todos os lados, no presente; e quanto ao futuro socialista, seu *Notícias de Lugar Nenhum* (2002) foi escrito como a antítese direta do livro de Bellamy. Ele avisou

“Que homens individuais não podem deixar o negócio da vida para os ombros de uma abstração chamada Estado, mas devem lidar com isso em associação consciente uns com os outros (...) Variedade de vida é tanto um objetivo do verdadeiro comunismo quanto a igualdade de condição, e (...) nada além de uma união destes dois trará liberdade real.” (MORRIS, 1889 apud THOMPSON, 2011, p. 688).

“Mesmo alguns socialistas”, ele escreveu, “estão aptos a confundir o mecanismo cooperativo para o qual a vida moderna está cuidando com a essência do próprio socialismo” (MORRIS apud MORTON, 1973, p. 239). Isso significava “o perigo da comunidade cair na burocracia”. Portanto ele expressou ter medo de uma “burocracia coletivista” à frente. Reagindo violentamente contra o socialismo de Estado e o reformismo, ele caiu no anti-parlamentarismo, mas não caiu na armadilha anarquista:

“(…) as pessoas terão que se associar na administração, e às vezes haverá diferenças de opinião (...) O que deve ser feito? Qual parte deve desistir? Nossos amigos anarquistas dizem que isso não deve ser feito por maioria; nesse caso, então, ele deve ser carregado por uma minoria. E porque? Existe algum direito divino em uma minoria?” (MORRIS, 1996, p. 87).

Isso vai ao coração do anarquismo mais profundamente do que a opinião comum de que o problema com o anarquismo é que ele é super-idealista. William Morris *versus* Sidney Webb: esta é uma maneira de resumir a história.

Fachada “revisionista”

Eduard Bernstein, o teórico do “revisionismo” socialdemocrata, recebeu seu impulso do fabianismo, pelo qual foi fortemente influenciado em seu exílio em Londres. Ele não inventou a política reformista em 1896: ele simplesmente se tornou seu porta-voz teórico. O chefe da burocracia partidária preferia menos

teoria: “Não se diz, alguém o *faz*”, disse ele a Bernstein (AUER apud MÉSZÁROS, 2005, p. 309), o que significa que a política da socialdemocracia alemã havia sido esvaziada do marxismo muito antes de seus teóricos refletirem a mudança.

Mas Bernstein não “revisou” o marxismo. Seu papel era desenraizá-lo enquanto fingia podar os membros ressequidos. Os fabianos não precisavam se preocupar com fingimentos, mas na Alemanha não era possível destruir o marxismo por um ataque frontal. A reversão ao Socialismo-de-Cima (“*die alte Scheisse*”) teve que ser apresentada como uma “modernização”, uma “revisão”.

Essencialmente, como os fabianos, o “revisionismo” encontrou seu socialismo na inevitável coletivização do próprio capitalismo; viu o movimento em direção ao socialismo como a soma das tendências coletivistas imanentes no próprio capitalismo; olhava para a “auto-socialização” do capitalismo de cima, através das instituições do Estado existente. A equação de estatização = socialismo não é a invenção do stalinismo; foi sistematizada pela corrente Fabiana-Revisionista-Socialista do reformismo socialdemocrata.

A maioria das descobertas contemporâneas que anunciam que o socialismo é obsoleto, porque o capitalismo não existe mais, já pode ser encontrada em Bernstein. Era “absurdo” chamar a Alemanha de Weimar de capitalista, declarou ele (HARMAN, 1995), por causa dos controles exercidos sobre os capitalistas; segundo o bernsteinismo, o Estado nazista era ainda mais anticapitalista, como anunciado.

A transformação do socialismo em um coletivismo burocrático já está implícita no ataque de Bernstein à democracia operária. Denunciando a ideia do controle operário da indústria, ele passa a redefinir a democracia. É “governo pelo povo”? Ele rejeita isso, em favor da definição negativa “ausência de governo de classe” (BERNSTEIN, 1997). Assim, a própria noção de democracia operária como condição *sine qua non* do socialismo é eliminada, assim como pelas redefinições inteligentes de democracia vigentes nas academias comunistas. Até a liberdade política e as instituições representativas foram marginalizadas: um resultado teórico ainda mais impressionante, já que o próprio Bernstein não era pessoalmente antidemocrático como Lassalle ou Shaw. É a teoria do socialismo “de cima”, que requer essas formulações. *Bernstein é o principal teórico socialdemocrata não apenas da equação*

estatização = socialismo, mas também da disjunção do socialismo em relação à democracia operária.

Era apropriado, portanto, que Bernstein chegasse à conclusão de que a hostilidade de Marx ao Estado era “anarquista” e que Lassalle estava certo em procurar o Estado para a iniciação do socialismo. “O corpo administrativo do futuro visível pode ser diferente do Estado atual apenas em grau”, escreveu Bernstein (apud GAY, 1962, p. 249); o “definhamento do Estado” não é senão o utopismo mesmo sob o socialismo. Ele, pelo contrário, era muito prático; por exemplo, quando o Estado não-definhado do Kaiser se lançou à disputa imperialista por colônias, Bernstein prontamente partiu para o colonialismo e o fardo do homem branco: “somente um direito condicional de selvagens à terra ocupada por eles pode ser reconhecido; a civilização superior, em última instância, pode reivindicar um direito mais elevado” (BERNSTEIN *apud* ALATAS, 1977, p. 234).

Bernstein contrapôs sua visão do caminho do socialismo com a de Marx: Marx tem uma “imagem de um exército. Ele avança, através de desvios, sobre paus e pedras (...) Finalmente chega a um grande abismo. Além dele, está a marca do objetivo desejado – o Estado do futuro, que só pode ser alcançado no mar, um mar vermelho como alguns já disseram” (*apud* GAY, 1962, p. 147-148). Em contraste, a visão de Bernstein não era vermelha, mas rosada: a luta de classes suavizada em harmonia como um Estado benéfico transforma suavemente a burguesia em bons burocratas. *Não aconteceu dessa maneira* – quando a socialdemocracia à moda Bernstein derrubou pela primeira vez a esquerda revolucionária em 1919, e então, restabelecendo a burguesia não regenerada e os militares no poder, ajudou a ceder a Alemanha às mãos dos fascistas.

Se Bernstein foi o teórico da identificação do coletivismo burocrático com o socialismo, então foi seu adversário de esquerda no movimento alemão que se tornou a principal porta-voz da II Internacional de um socialismo revolucionário democrático de baixo. Essa foi Rosa Luxemburgo, que tão enfaticamente depositou sua fé e esperança na luta espontânea de uma classe trabalhadora livre, que os criadores de mitos inventaram para ela uma “teoria da espontaneidade” que ela nunca teve, uma teoria na qual “espontaneidade” é contraposta à “liderança”.

Em seu próprio movimento, ela lutou duramente contra os elitistas “revolucionários” que redescobriram a teoria da ditadura educacional sobre os trabalhadores (essa é redescoberta em todas as gerações como A Última Coisa), e teve que escrever: “Sem a vontade consciente e a ação consciente da maioria do proletariado não pode haver socialismo (...) [Nós] nunca vamos assumir a autoridade governamental, exceto através da vontade clara e inequívoca da vasta maioria da classe trabalhadora alemã (...)” (CLIFF, 1959). E seu famoso aforismo: “Erros cometidos por um movimento operário genuinamente revolucionário são muito mais proveitosos e valiosos historicamente do que a infalibilidade do melhor Comitê Central” (*ibid.*).¹⁵ Rosa Luxemburgo *versus* Eduard Bernstein: este é o capítulo alemão da história.

A cena 100% americana

Nas mananciais do “socialismo nativo” americano, a imagem é a mesma, só que até mais. Se negligenciarmos o “socialismo alemão” importado (Lassalleano com aparências marxistas) do antigo Partido Trabalhista Socialista¹⁶, então a principal figura aqui é, de longe, Edward Bellamy e seu *Daqui a cem anos: revendo o futuro* (1960). Pouco antes dele veio o agora esquecido Laurence Gronlund, cuja *Cooperative Commonwealth* (1884) foi extremamente influente em sua época, vendendo 100 mil cópias.

Gronlund (1884) está tão atualizado que não diz que rejeita a democracia – ele meramente a “redefine”; como “Administração pelo Competente”, em oposição a “governo por maioria”, juntamente com uma proposta modesta de eliminar o governo representativo, assim como todos os partidos. Todo o “povo”, ele ensina, quer “administração – boa administração”. Eles devem encontrar “os líderes certos” e então “estar dispostos a colocar todo o poder coletivo em suas mãos”. O governo representativo será substituído pelo governo

¹⁵ Ver, também Besancenot e Löwy (2016). [N. do T.]

¹⁶ Foi o primeiro partido socialista nos Estados Unidos, formado em 1876 inicialmente por imigrantes alemães. Juntou com o Partido Social Democrático da América em 1899 para formar o mais importante partido da esquerda na época, o Partido Socialista da América. [N. do T.]

por plebiscito. Ele tem certeza de que seu esquema funcionará, explica ele, porque funciona tão bem para a hierarquia da Igreja Católica. Naturalmente, ele rejeita a ideia horrível de luta de classes. Os trabalhadores são incapazes de auto-emancipação, e ele especificamente denuncia a famosa expressão de Marx deste Primeiro Princípio. Os *yahoos* serão emancipados por uma elite dos “competentes”, extraída da intelligentsia; e em um ponto ele se propôs a organizar uma Fraternidade Socialista Americana conspiratória e secreta para estudantes.

A utopia socialista de Bellamy em *Daqui a cem anos: revendo o futuro* é expressamente modelada no exército como o padrão ideal da sociedade – regulamentada, hierarquicamente governada por uma elite, organizada de cima para baixo, com a comunhão acolhedora da colmeia como o grande fim. A história em si retrata a transição como se fosse através da concentração da sociedade em uma grande corporação de negócios, um único capitalista: o Estado. O sufrágio universal é abolido; todas as organizações de baixo eliminadas; as decisões são tomadas por tecnocratas administrativos de cima. Como um de seus seguidores definiu esse “socialismo americano”: “Sua ideia social é um sistema industrial perfeitamente organizado que, por causa do estreito entrelaçamento de suas rodas, deve trabalhar no mínimo de atrito com o máximo de riqueza e lazer para todos” (BELLAMY apud LIPOW, 1982, p. 187).

Como no caso dos anarquistas, a fantástica solução de Bellamy para o problema básico da organização social – como resolver as diferenças de ideias e interesses entre os homens – é a *suposição* de que a elite será sábia numa maneira sobre-humana e incapaz de injustiça (essencialmente a mesma que o mito stalinista-totalitário da infalibilidade do Partido), partindo do pressuposto de que não é necessária qualquer preocupação sobre o controle democrático a partir de baixo. O último é impensável para Bellamy porque as massas, os trabalhadores, são simplesmente um monstro perigoso, a horda bárbara. O movimento bellamita – que se denominou “Nacionalismo” e originalmente se propôs a ser antissocialista e anticapitalista – foi sistematicamente organizado em um apelo à classe média, como os fabianos.

Ali estavam os educadores extremamente populares da ala “nativa” do socialismo norte-americano, cujas concepções ecoaram através dos setores não marxistas e antimarxistas do movimento socialista ao longo do século 20, com o

ressurgimento dos “Clubes Bellamy” mesmo na década de 1930, quando John Dewey elogiou *Daqui a cem anos: revendo o futuro* como expondo “o ideal americano de democracia”. A tecnocracia, que já revela abertamente as características fascistas, era um descendente linear dessa tradição de um lado. Se alguém quiser ver quão fina pode ser a linha entre algo chamado socialismo e algo como o fascismo, é instrutivo ler a monstruosa exposição do “socialismo” escrita pelo outrora famoso inventor-cientista e luzeiro do Partido Socialista, Charles P. Steinmetz. Seu *America and the New Epoch* (1916) estabelece com seriedade mortal exatamente a anti-utopia outrora satirizada em um romance de ficção científica, no qual o Congresso foi substituído por senadores diretos da DuPont, General Motors e outras grandes corporações. Steinmetz, apresentando as gigantes corporações monopolistas (como seu próprio empregador, a General Electric) como o melhor em eficiência industrial, propõe desmembrar o governo político em favor do governo direto dos associados monopolistas corporativos.

O bellamismo iniciou muitos na estrada para o socialismo, mas a estrada se bifurcou. Na virada do século, o socialismo americano desenvolveu a antítese mais vibrante do mundo para o Socialismo-de-Cima de todas as formas: Eugene Debs. Em 1897, Debs ainda estava a ponto de pedir a ninguém menos que John D. Rockefeller para financiar o estabelecimento de uma colônia socialista utópica em um Estado no oeste; mas Debs, cujo socialismo foi forjado na luta de classes de um movimento operário militante, logo encontrou sua verdadeira voz.

O coração do “socialismo debsiano” era seu apelo e fé na auto-atividade das massas vindas de baixo. Escritos e discursos de Debs estão impregnados com este tema. Ele frequentemente citava ou parafraseava o “primeiro princípio” de Marx nas suas próprias palavras: “A grande descoberta que os escravos modernos fizeram é que eles mesmos devem alcançar sua liberdade. Este é o segredo de sua solidariedade; o coração de sua esperança (...)” (DEBS, 1907). Sua declaração clássica (1906) é a seguinte: “Por muito tempo os trabalhadores do mundo esperaram por algum Moisés para tirá-los do cativeiro. Ele não veio; ele nunca virá. Eu não te conduziria se pudesse; porque se você pudesse ser levado para fora, poderia ser levado de volta. Eu gostaria que você decidisse que não há

nada que você não possa fazer por si mesmo”. Ele ecoou as palavras de Marx de 1850:

“Na luta da classe trabalhadora para libertar-se da escravidão assalariada, não se pode repetir demais que tudo depende da própria classe trabalhadora. A pergunta simples é: os trabalhadores podem se preparar, por educação, organização, cooperação e disciplina auto-imposta, para assumir o controle das forças produtivas e administrar a indústria no interesse do povo e em benefício da sociedade? É tudo o que há nisto.” (DEBS, 1911).

Os trabalhadores podem se preparar? (...) Ele não estava sob ilusões ingênuas sobre a classe trabalhadora como era (ou é). Mas ele propôs um objetivo diferente dos elitistas cuja única sabedoria consiste em apontar o dedo para o atraso das pessoas agora, e no ensino de que isso deve ser sempre assim. Em contraste com a fé no governo de elite de cima, Debs contrapôs a noção diretamente contrária da *vanguarda* revolucionária (também uma minoria) cuja fé os impele a defender um caminho mais difícil para a maioria:

“São as minorias que fizeram a história deste mundo [disse ele no discurso antiguerra de 1917 para o qual o governo de Wilson o prendeu]. São os poucos que tiveram a coragem de tomar seus lugares na frente; que foram verdadeiros o suficiente para falar a verdade que estava neles; que ousaram se opor à ordem estabelecida das coisas; que abraçaram a causa dos povos sofridos e lutadores; que sustentaram, sem levar em conta as consequências pessoais, a causa da liberdade e da justiça” (*ibid.*, 1918).

Este “socialismo debsiano” evocou uma tremenda resposta do coração do povo, mas Debs não teve sucessor como uma tribuna do socialismo revolucionário democrático. Depois do período pós-guerra de radicalização, o Partido Socialista tornou-se corajosamente respeitável, por um lado, e o Partido Comunista tornou-se stalinizado, por outro. Por seu lado, o próprio liberalismo americano vinha há muito tempo passando por um processo de “estatização”, culminando na grande ilusão do *New Deal* dos anos 1930. A visão elitista de uma dispensação de cima sob a égide do salvador-presidente atraiu toda uma linhagem de liberais a quem o cavaleiro do campo na Casa Branca fosse igual o Bismarck para Lassalle.

O tipo tinha sido anunciado por Lincoln Steffens, o liberal coletivista que (como Shaw e Georges Sorel) era tão atraído por Mussolini quanto por Moscou, e pelas mesmas razões. Upton Sinclair, abandonando o Partido Socialista por que foi “sectário” demais, lançou seu movimento “amplo” para “Acabar com a Pobreza na Califórnia”, com um manifesto apropriadamente chamado *Eu, Governador da Califórnia, e Como Eu Acabei com a Pobreza* (provavelmente o único manifesto radical com dois “eus” no título) sobre o tema “socialismo-de-lá-em-Sacramento”. Uma das figuras típicas da época foi Stuart Chase, que traçou um curso em ziguezague do reformismo da Liga para a Democracia Industrial até o semifascismo da Tecnocracia. Havia os intelectuais stalininóides que conseguiram sublimar sua admiração conjunta por Roosevelt e Rússia, saudando tanto a NRA [Administração da Recuperação Nacional do governo Roosevelt] quanto os processos de Moscou. Havia sinais dos tempos como Paul Blanshard, que desertou do Partido Socialista para Roosevelt, alegando que o programa do New Deal de “capitalismo administrado” tomara a iniciativa da mudança econômica longe dos socialistas.

O New Deal, muitas vezes justamente chamado de “período socialdemocrata” dos Estados Unidos, era também a grande aventura dos liberais e socialdemocratas do Socialismo-de-Cima, a utopia da “monarquia popular” de Roosevelt. A ilusão da “revolução de cima” rooseveltiana uniu o socialismo rastejante, o liberalismo burocrático, o elitismo stalinista e as ilusões sobre o coletivismo russo e o capitalismo coletivizado em um só pacote.

Seis variedades de socialismo “de cima”

Vimos que existem várias variedades ou correntes diferentes que atravessam o socialismo “de cima”. Eles geralmente estão interligados, mas vamos separar alguns dos aspectos mais importantes para um olhar mais atento.

1. *Filantropia*. O socialismo (ou “liberdade”, se prefere) deve ser transmitido, a fim de Fazer o Povo Bem, pelos ricos e poderosos através da bondade de seus corações. Como o *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 2001, p. 77) colocou, com os primeiros utópicos como Robert Owen em mente, “Não resta dúvida de que estão convictos de defender, em seus planos,

principalmente o interesse da classe trabalhadora enquanto classe mais sofredora”. Em gratidão, os pobres oprimidos devem evitar acima de tudo serem indisciplinados e nada de luta de classes ou auto-emancipação.

Este aspecto pode ser considerado um caso especial de:

2. *Elitismo* – Mencionamos vários casos dessa convicção de que o socialismo é o negócio de uma nova minoria dominante, de natureza não capitalista e, portanto, garantida pura, impondo sua própria dominação temporariamente (por uma mera era histórica) ou mesmo permanentemente. Em ambos os casos, essa nova classe dominante provavelmente verá seu objetivo como uma Ditadura Educacional sobre as massas – para Fazerem o Bem, é claro – a ditadura sendo exercida por um partido de elite que suprime todo o controle de baixo, ou por déspotas benevolentes ou Líderes-Salvadores de algum tipo, ou “Super-homens” de Shaw, por manipuladores eugênicos, pelos gerentes “anarquistas” de Proudhon ou pelos tecnocratas de Saint-Simon ou seus equivalentes mais modernos – com termos atualizados e novos discursos verbais que podem ser saudadas como a nova teoria social contra o “marxismo do século XIX”.

Por outro lado, os defensores democráticos revolucionários do Socialismo-de-Baixo também sempre foram uma minoria, mas o abismo entre a abordagem elitista e a abordagem de *vanguarda* é crucial, como vimos no caso de Debs. Para ele, como para Marx e Luxemburgo, a função da vanguarda revolucionária é impelir a maioria de massas a *se preparar a tomar o poder em seu próprio nome, através de suas próprias lutas*. A questão não é negar a importância crítica das minorias, mas estabelecer uma relação diferente entre a minoria avançada e a massa mais atrasada.

3. *Planismo*. As palavras-chave são eficiência, ordem, planejamento, sistema e regulamentação. O socialismo é reduzido à engenharia social, por um Poder acima da sociedade. Aqui, novamente, a questão não é negar que o socialismo efetivo requer planejamento geral (e também que eficiência e ordem são coisas boas); mas a *redução* do socialismo à produção planejada é um assunto completamente diferente; assim como a democracia efetiva exige o direito de voto, mas a *redução* da democracia meramente ao direito de votar de vez em quando torna-se uma fraude.

Na verdade, seria importante demonstrar que a separação do planejamento do controle democrático de baixo ridiculariza o próprio planejamento; pois as sociedades industriais imensamente complicadas de hoje não podem ser efetivamente planejadas pelos *ukases*¹⁷ de um Comitê Central todo-poderoso, que inibem e aterrorizam o livre jogo de iniciativa e correção a partir de baixo. Esta é de fato a contradição básica do novo tipo de sistema social explorador representado pelo coletivismo burocrático soviético. Mas não podemos continuar com este assunto aqui.

A substituição do socialismo pelo planismo tem uma longa história, independentemente de sua incorporação ao mito soviético de que *estatização* = *socialismo*, um princípio que já vimos ter sido sistematizado primeiro pelo reformismo socialdemocrata (Bernstein e os fabianos em particular). Durante a década de 1930, a mística do “Plano”, tomada em parte pela propaganda soviética, tornou-se proeminente na ala direita da socialdemocracia, com Henri de Man saudado como seu profeta e como sucessor de Marx. De Man desapareceu de vista e agora é esquecido porque ele teve o mau julgamento para empurrar suas teorias revisionistas primeiro em corporativismo e depois em colaboração com os nazistas.

Além da construção teórica, o planismo aparece no movimento socialista mais frequentemente incorporado em certo tipo psicológico de radical. Para dar crédito, um dos primeiros esboços desse tipo veio em *O Estado Servil*, de Belloc, com os fabianos em mente. Esse tipo, escreve Belloc,

“Ama o ideal coletivista em si mesmo (...) porque é uma forma ordenada e regular da sociedade. Ele adora considerar o ideal de um Estado no qual a terra e o capital sejam mantidos por funcionários públicos que ordenarão os outros homens e os preservarão das consequências de seu vício, ignorância e loucura. [Belloc escreve ainda:] Nele, a exploração do homem não excita a indignação. Na verdade, ele não é um tipo ao qual a indignação ou qualquer outra paixão viva é familiar (...) [o olhar de Belloc está sobre Sidney Webb aqui] (...) a perspectiva de uma vasta burocracia em que toda a vida deve ser marcada e designada para certos esquemas simples (...) dão a sua pequena barriga uma satisfação final” (BELLOC, 1907, p. 122).

¹⁷ Palavra russa que significa uma ordem arbitrária de um governante. [N. do T.]

No que diz respeito a exemplos contemporâneos com uma coloração pró-stalinista, muitos exemplos podem ser encontrados nas páginas da revista *Monthly Review*, de Paul Sweezy. Em um artigo de 1930 sobre os “padrões motivos do socialismo”, escrito quando ele ainda pensava que era um leninista, Max Eastman (1939, p. 1) distinguia este tipo como centrado em “eficiência e organização inteligente (...) uma verdadeira paixão por um plano (...) organização profissional”. Para tanto, ele comentou que a Rússia de Stalin tem um fascínio:

“É uma região pelo menos que tem que se desculpar para outros países – certamente não denunciada do ponto de vista de um sonho louco como a emancipação dos trabalhadores e, portanto, de toda a humanidade. Naqueles que construíram o movimento marxista e aqueles que organizaram sua vitória na Rússia, esse sonho louco foi o motivo central. Eles eram, como alguns agora estão propensos a esquecer, rebeldes extremos contra a opressão. Lênin talvez se sobressaia, quando a comoção sobre suas ideias diminuir, como o maior rebelde da história. Sua maior paixão era libertar os homens (...) se um único conceito deve ser escolhido para resumir o objetivo da luta de classes como definido nos escritos marxistas, e especialmente os escritos de Lênin, a liberdade humana é o nome para isso.” (EASTMAN, 1940, p. 131-132)

Pode-se acrescentar que, mais de uma vez, Lênin condenou o esforço de planejamento total como uma “utopia burocrática”.¹⁸ Existe uma subdivisão no planismo que também merece um nome: vamos chamá-lo de producionismo. Claro, todo mundo é “favorável” à produção, assim como todo mundo é pela Virtude e pela Boa Vida; mas para este tipo, a produção é o teste decisivo e o fim de uma sociedade. O coletivismo burocrático russo é “progressista” por causa das estatísticas da produção de ferro-gusa (o mesmo tipo geralmente ignora as estatísticas impressionantes do aumento da produção sob o capitalismo nazista ou japonês).

Não há problema em esmagar ou impedir sindicatos livres sob Nasser, Castro, Sukarno ou Nkrumah porque algo conhecido como “desenvolvimento econômico” é primordial sobre os direitos humanos. Este ponto de vista duro

¹⁸ Ver exemplos de 1921 e 1922, respectivamente, em Lenin (1973, p. 475) e Lenin (1976, p. 496-499). [N. do T.]

não foi, naturalmente, inventado por esses “radicais”, mas pelos exploradores insensíveis do trabalho na Revolução Industrial capitalista; e o movimento socialista passou a existir lutando ferozmente contra esses teóricos da exploração “progressista”. Também nesse aspecto, os apologistas de regimes autoritários “esquerdistas” modernos tendem a considerar essa velha doutrina como a mais nova revelação da sociologia.

4. *Socialismo de Comunhão*. Em seu artigo de 1930, Max Eastman chamou isso de “padrão de irmandade unida”, de “socialistas gregários ou de solidariedade humana” – “aqueles que anseiam com uma mistura de misticismo religioso e gregarismo animal pela solidariedade humana”. Não deve ser confundido com a noção de solidariedade em greves, etc., e não necessariamente identificado com o que é comumente chamado de camaradagem no movimento socialista ou um “senso de comunidade” em outros lugares. Seu conteúdo específico, como diz Eastman (1939, p. 3), é uma “busca de submersão em uma Totalidade, buscando se perder no seio de um substituto para Deus”.

Eastman está aqui apontando para o escritor do Partido Comunista Mike Gold; outro caso excelente é Harry F. Ward, o firme aliado do Partido Comunista, cujos livros teorizam esse tipo de anseio “oceânico”, buscando a desconsideração de individualidade. Os cadernos de Bellamy revelam-no como um caso clássico: ele escreve sobre o desejo de “absorver a grande onipotência do universo”; sua “Religião da Solidariedade” reflete sua desconfiança do individualismo da personalidade, seu desejo de dissolver o Eu em comunhão com Algo Maior.

Essa linhagem é muito proeminente em alguns dos mais autoritários dos socialismo “de cima” e não é raramente encontrada em casos mais brandos como os elitistas filantrópicos com visões cristãs-socialistas. Naturalmente, esse tipo de socialismo de “comunhão” é sempre saudado como um “socialismo ético” e elogiado por manter a luta de classes como coisa horrorosa; pois não deve haver conflito dentro de uma colmeia. Ele tende a opor categoricamente o “coletivismo” ao “individualismo” (uma falsa oposição do ponto de vista humanista), mas o que realmente impugna é a *individualidade*.

5. *Permeacionismo*. O socialismo “de cima” aparece em muitas variedades pela simples razão de que sempre há muitas alternativas para a automobilização

de massas a partir de baixo; mas os casos discutidos tendem a se dividir em duas famílias. Um tem a perspectiva de derrubar a atual sociedade hierárquica capitalista para substituí-la por um novo tipo de sociedade hierárquica não capitalista baseada em um novo tipo de classe dominante de elite. Estas variedades são geralmente rotuladas “revolucionárias” nas histórias do socialismo. O outro tem a perspectiva de permear os centros de poder na sociedade existente a fim de metamorfosear – gradualmente, inevitavelmente – em um coletivismo estatizado, talvez molécula por molécula na maneira na qual madeira petrifica em ágata. Esse é o estigmata característico das variedades reformistas e socialdemocratas do socialismo “de cima”.

O próprio termo permeacionismo foi inventado para a autodescrição pelo que já chamamos de “mais pura” variedade de reformismo já vista, o fabianismo de Sidney Webb. Todo o permeacionismo socialdemocrata baseia-se em uma teoria da inevitabilidade mecânica: a inevitável auto-coletivização do capitalismo de cima, que é equiparada ao socialismo. A pressão a partir de baixo (quando considerada permissível) pode apressar e endireitar o processo, desde que seja mantido sob controle para evitar assustar os autocoletivizadores. Por isso, os permeacionistas socialdemocratas não estão apenas dispostos, mas ansiosos para “se unirem ao *establishment*”, em vez de combatê-lo, seja qual for a capacidade que lhes seja permitida, seja como *office boys* ou ministros de gabinete. Tipicamente, a função de seu movimento-de-baixo é principalmente chantagear os poderes dominantes para comprá-los com oportunidades de permeação.

A tendência à coletivização do capitalismo é de fato uma realidade: como vimos, significa a coletivização burocrática do capitalismo. À medida que esse processo avançou, a socialdemocracia contemporânea passou por uma metamorfose. Hoje, o principal teórico desse neorreformismo, C.A.R. Crosland (1956), denuncia como “extremista” a afirmação moderada que favorece a nacionalização que foi originalmente escrita para o programa do Partido Trabalhista Britânico por ninguém menos que Sidney Webb (com Arthur Henderson)! O número de democracias sociais continentais que agora expurgaram dos seus programas de todo o conteúdo especificamente anticapitalista – um fenômeno novo na história socialista – reflete o grau em

que o processo contínuo de coletivização burocrática é aceito como uma parcela do “socialismo” petrificado.

Isso é permeacionismo como grande estratégia. Isso leva, é claro, ao permeacionismo como tática política, um assunto que não podemos desenvolver aqui além de mencionar sua forma atualmente mais proeminente dos Estados Unidos: a política de apoiar o Partido Democrata e a coalizão liberal-operária em torno do “Consenso de Johnson”, seus antecessores e sucessores. A distinção entre essas duas “famílias” do Socialismo-de-Cima vale para o socialismo *caseiro*, de Babeuf a Harold Wilson; isto é, casos em que a base social da atual corrente socialista está dentro do sistema nacional, seja a aristocracia operária ou os precários ou qualquer outra. O caso é um pouco diferente para aqueles socialismos “de fora” representados pelos partidos comunistas contemporâneos, cuja estratégia e tática dependem em última análise de uma base de poder *fora* de qualquer estrato social interno; isto é, nas classes dominantes coletivistas burocráticas no Oriente.

Os partidos comunistas mostraram-se singularmente diferentes de qualquer tipo de movimento caseiro, em sua capacidade de *alternar ou combinar tanto* as táticas “revolucionárias–oposicionistas” quanto permeacionistas, de acordo com sua conveniência. Assim, o Partido Comunista Americano poderia passar de seu “Terceiro Período” ultra-esquerdista e aventureiro de 1928-34 para a tática ultra-permeacionista do período da Frente Popular, e então voltar para o “revolucionismo” no período do Pacto Hitler-Stalin e, novamente, durante os altos e baixos da Guerra Fria, em vários graus de combinação dos dois. Com a atual divisão comunista ao longo da linha Moscou-Pequim, os “krushchevistas” e os maoístas tendem cada um a incorporar uma das duas táticas que anteriormente alternavam. Frequentemente, portanto, na política interna, o Partido Comunista oficial e os socialdemocratas tendem a convergir para a política do permeacionismo, embora sob o ângulo de um diferente socialismo “de cima”.

6. *Socialismo “de fora”*. As precedentes variedades do socialismo “de cima” olham para o poder no topo da sociedade: agora chegamos à expectativa de socorro do lado de fora. O culto dos discos voadores é uma forma patológica, o messianismo é uma forma mais tradicional, quando “fora” significa fora deste mundo; mas para os presentes propósitos, “fora” significa *fora da luta social em*

casa. Para os comunistas da Europa Oriental após a II Guerra Mundial, a Nova Ordem teve que ser importada através de baionetas russas; para os socialdemocratas alemães no exílio, a libertação de seu próprio povo poderia finalmente ser imaginada apenas pela graça da vitória militar estrangeira.

A variedade no tempo de paz é o exemplo do socialismo-por-modelo. Este, é claro, foi o método dos antigos utopistas, que construíram suas colônias modelos nos sertões americanos a fim de demonstrar a superioridade de seu sistema e converter os incrédulos. Hoje, é esse substituto da luta social em casa que é, cada vez mais, a esperança essencial do movimento comunista no Ocidente. O exemplo-modelo é fornecido pela Rússia (ou China, para os maoístas); e embora seja difícil fazer a vida dos proletários russos meio atraente para os trabalhadores ocidentais, mesmo com uma dose generosa de mentiras, há mais sucesso a ser esperado de duas outras abordagens:

A posição relativamente privilegiada de elementos gerenciais, burocráticos e intelectuais no sistema coletivista russo pode ser contrastada com a situação no Ocidente, onde esses mesmos elementos são subordinados aos donos do capital e manipuladores de riqueza. Neste ponto, o apelo do sistema soviético de uma economia estatizada coincide com o apelo histórico dos socialismos da classe média, aos descontentes elementos de classe de intelectuais, tecnólogos, cientistas e funcionários científicos, burocratas administrativos e homens de organização¹⁹ de vários tipos, que podem identificar-se facilmente com uma nova classe dominante baseada no poder do Estado e não no poder e propriedade do dinheiro, e, portanto, visualizam-se como os novos homens de poder em uma configuração não-capitalista, mas elitista.

Enquanto os partidos comunistas oficiais são obrigados a manter a fachada da ortodoxia em algo chamado “marxismo-leninismo”, é mais comum que os teóricos sérios do neo-stalinismo que não estão ligados ao Partido se libertem da pretensão. Um desenvolvimento é o abandono aberto de qualquer perspectiva de vitória através da luta social dentro dos países capitalistas. A “revolução mundial” é equiparada simplesmente com a demonstração pelos

¹⁹ *Organization men* foi um termo cunhado pelo sociólogo e urbanista William H. Whyte no seu livro, *The Organization Man* (1956). Significa pessoas que subordinam toda individualidade e liberdade pessoal aos objetivos da organização, especialmente à grande corporação. [N. d. T.]

Estados comunistas de que seu sistema é superior. Isso agora foi colocado em forma de tese pelos dois principais teóricos do neo-stalinismo, Paul Sweezy e Isaac Deutscher.

O livro *Capitalismo monopolista* de Baran e Sweezy (1966, p. 359) rejeita categoricamente “a resposta da ortodoxia marxista tradicional – de que o proletariado industrial deve eventualmente se revoltar contra seus opressores capitalistas”. O mesmo para todos os outros grupos de “outsiders” da sociedade – desempregados, trabalhadores rurais, as massas de gueto, etc.; eles não podem “constituir uma força coerente na sociedade” (*ibid.*, p. 359). Isso não deixa ninguém; o capitalismo não pode ser efetivamente desafiado por dentro. O que então? Algum dia, os autores explicam em sua última página, “talvez não no presente século”, o povo estará desiludido com o capitalismo “à medida que a revolução mundial se espalha e os países socialistas mostram pelo seu exemplo que é possível” construir um sociedade racional (*ibid.*, p. 362). Isso é tudo. Assim, as frases marxistas que preenchem as outras 366 páginas deste ensaio tornam-se simplesmente um encantamento como a leitura do Sermão da Montanha na Catedral de St. Patrick.

A mesma perspectiva é apresentada com mais sutileza por um escritor mais abrangente, Deutscher, no *The Great Contest*. Deutscher (1965, p. 185) transmite a nova teoria soviética “de que o capitalismo ocidental vai sucumbir não tanto – ou não diretamente – por causa de suas próprias crises e contradições, como por causa de sua incapacidade de igualar as realizações do socialismo [i.e. os Estados comunistas]”; e mais tarde: “Pode-se dizer que isso em certa medida substituiu a perspectiva marxista de uma revolução social permanente”. Aqui temos uma justificativa teórica para o que tem sido a função do movimento comunista no Ocidente: agir como guarda fronteiriça e xelim para o estabelecimento concorrente rival no Oriente. Acima de tudo, a perspectiva do Socialismo-de-Baixo torna-se tão estranha a esses professores do coletivismo burocrático quanto aos apologistas do capitalismo nas academias americanas.

Esse tipo de ideólogo neo-stalinista é frequentemente crítico do atual regime soviético – um bom exemplo é Deutscher, que permanece o mais longe possível de ser um apologista acrítico de Moscou como os comunistas oficiais. Eles devem ser entendidos como *permeacionistas em relação ao coletivismo*

burocrático. O que aparece como um “socialismo de fora” quando visto do mundo capitalista, torna-se uma espécie de Fabianismo quando visto de dentro da estrutura do sistema comunista. Dentro desse contexto, a mudança-de-cima apenas é um princípio tão firme para esses teóricos como era para Sidney Webb. Isso foi demonstrado, entre outras coisas, pela reação hostil de Deutscher à revolta da Alemanha Oriental de 1953 e à revolução húngara de 1956, com base clássica de que essas revoltas vindas de baixo assustariam o establishment soviético de sua “liberalização” pela Inevitabilidade da gradualidade.

De que lado você está?

Do ponto de vista dos intelectuais que têm uma escolha de papéis a desempenhar na luta social, a perspectiva do socialismo “de baixo” tem historicamente pouca atratividade. Mesmo dentro do quadro do movimento socialista, ele teve poucos expoentes consistentes e não muitos inconsistentes. Fora do movimento socialista, naturalmente, a linha padrão é que tais ideias são visionárias, impraticáveis, irrealistas, “utópicas”; idealista talvez, mas quixotesco. A massa de pessoas é congenitamente estúpida, corrupta, apática e geralmente sem esperança; e a mudança progressiva deve vir das Pessoas Superiores, assim como (como acontece) o intelectual que expressa esses sentimentos. Isso é traduzido teoricamente em uma Lei de Ferro da Oligarquia²⁰ ou uma pequena lei de elitismo, de uma forma ou de outra, envolvendo uma teoria grosseira da inevitabilidade – a inevitabilidade da mudança de cima-para-baixo.

Sem pretender revisar em poucas palavras os argumentos pró e contra para essa visão penetrante, podemos notar o papel social que desempenha, como o rito auto-justificador do elitista. Em tempos “normais”, quando as massas não estão se movendo, a teoria simplesmente requer ser apontada com desprezo, enquanto toda a história da revolução e agitação social é simplesmente

²⁰ Um conceito desenvolvido pelo sociólogo alemão Robert Michels em 1911 que argumenta que todos os tipos de organização, por mais que tenham objetivos democráticos, têm uma tendência à oligarquia. Ver Michels (1982). [N. d. T.]

descartada como obsoleta. Mas a recorrência de levantes revolucionários e distúrbios sociais, definidos precisamente pela intromissão no estágio histórico de massas anteriormente inativas e característicos de períodos em que a mudança social básica está em pauta, é tão “normal” na história quanto os períodos intermediários do conservadorismo. Quando o teórico elitista, portanto, tem que abandonar a postura do observador científico que está meramente *prevendo* que a massa de pessoas sempre permanecerá quieta, quando ele se depara com a realidade oposta de uma massa revolucionária ameaçando subverter a estrutura do poder, ele tipicamente não se atrasa em mudar para um caminho completamente diferente: denunciar a intervenção em massa vinda de baixo como o mal em si.

O fato é que a escolha entre Socialismo-de-Cima e Socialismo-de-Baixo é, para o intelectual, basicamente uma escolha *moral*, enquanto para as massas trabalhadoras que não têm alternativa social é uma questão de necessidade. O intelectual pode ter a opção de “ingressar no Establishment”, mas o trabalhador não; a mesma opção vale também para os líderes trabalhistas, que, ao saírem de suas classes, também enfrentam uma escolha que não existia antes. A pressão de conformidade com os costumes da classe dominante, a pressão para aburguesar, é mais forte na medida em que os laços pessoais e organizacionais com as fileiras abaixo se tornam fracos. Não é difícil para um funcionário intelectual ou burocratizado se convencer de que a permeação e a adaptação ao poder existente é a maneira inteligente de fazê-lo, quando (como acontece) ele também permite compartilhar os privilégios da influência e da riqueza.

É um fato irônico, portanto, que a “Lei de Ferro da Oligarquia” é revestida de ferro principalmente para os elementos intelectuais de quem ela surge. Como um estrato social (isto é, além de indivíduos excepcionais), os intelectuais nunca foram conhecidos por se erguer contra o poder estabelecido em algo como a moderna classe trabalhadora tem feito repetidas vezes através de sua história relativamente breve. Funcionando tipicamente como os lacaios ideológicos dos governantes estabelecidos da sociedade, o setor do trabalhador colarinho branco das classes médias não-proprietárias é, ao mesmo tempo, movido a descontentamento e insatisfação pela relação. Como muitos outros servos, este

Admirável Crichton²¹ pensa: “Eu sou um homem melhor do que o meu mestre e, se as coisas fossem diferentes, veríamos quem deveria dobrar o joelho.” Mais do que nunca, hoje, quando a reputação do sistema capitalista está desintegrando em todo o mundo, ele sonha facilmente com uma forma de sociedade na qual ele pode entrar por conta própria, na qual o Cérebro e não as Mãos ou os Ricaços ditariam; em que ele e seus semelhantes seriam libertados da pressão da Propriedade através da eliminação do capitalismo e libertados da pressão das massas mais numerosas através da eliminação da democracia.

Tampouco precisa sonhar muito, pois as versões existentes de tal sociedade parecem estar diante de seus olhos, nos coletivismos orientais. Mesmo que ele rejeite essas versões, por várias razões, incluindo a Guerra Fria, ele pode teorizar sua própria versão de um “bom” tipo de coletivismo burocrático, a ser chamado de “Meritocracia” ou “gerencialismo” ou “industrialismo” ou qualquer outra coisa que tem nos EUA; ou “Socialismo Africano” em Gana e “Socialismo Árabe” no Cairo; ou vários outros tipos de socialismo em outras partes do mundo.

A natureza da escolha entre o socialismo “de cima” e o socialismo “de baixo” se destaca mais fortemente em relação a uma questão sobre a qual existe uma medida considerável de concordância entre os intelectuais liberais, socialdemocratas e stalininóides hoje. Esta é a alegada inevitabilidade de ditaduras autoritárias (despotismos benevolentes) nos estados recentemente desenvolvidos da África e da Ásia, particularmente – por exemplo, Nkrumah, Nasser, Sukarno, entre outros – ditaduras que esmagam os sindicatos independentes, bem como toda a oposição política, e se organizam para maximizar a exploração do trabalho, a fim de extrair das massas trabalhadoras capital suficiente para acelerar a industrialização no ritmo desejado pelos novos governantes. Assim, a um grau sem precedentes, os círculos “progressistas” que antes teriam protestado contra a injustiça em qualquer lugar, tornaram-se apologistas automáticos de qualquer autoritarismo considerado não-capitalista.

Além da lógica econômica-determinista geralmente dada para essa posição, há dois aspectos da questão que iluminam o que está em jogo em geral:

²¹ O Admirável Crichton era uma peça de comédia inglesa de 1902 e mais tarde de um filme de 1957 em que o principal protagonista, um mordomo, acaba se tornando o mestre da casa, mas mantém intacta a hierarquia da sociedade de classes da época. [N. d. T.]

O argumento econômico para a ditadura, pretendendo provar a necessidade de uma industrialização vertiginosa, é sem dúvida muito importante para os novos governantes burocráticos – que entretanto não restringem seus próprios ganhos e engrandecimento –, mas é incapaz de persuadir o trabalhador precário que ele e sua família devem se curvar à super-exploração e precariedade por algumas gerações à frente, em prol de uma rápida acumulação de capital. Na verdade, é por isso que a industrialização vertiginosa exige controles ditatoriais.

O argumento econômico-determinista é a racionalização de um ponto de vista da classe dominante; faz sentido humano *apenas* a partir de um ponto de vista da classe dominante, que, claro, é sempre identificado com as necessidades da “sociedade”. Faz igualmente sentido que os trabalhadores da base *tenham* de lutar para combater essa superexploração para defender sua dignidade humana elementar e bem-estar. O mesmo aconteceu durante a Revolução Industrial capitalista, quando os “novos países em desenvolvimento” estavam na Europa.

Não se trata simplesmente de algum argumento técnico-econômico, mas de lados em uma luta de classes. A questão é: de que lado você está? Argumenta-se que a massa de pessoas nesses países está muito atrasada para controlar a sociedade e seu governo; e isso é sem dúvida verdade, não apenas lá. Mas o que segue? Como um povo ou uma classe se tornam aptos para governar em seu próprio nome?

Apenas lutando para isso. Somente travando sua luta contra a opressão – opressão por aqueles que dizem que são incapazes de governar. Somente lutando pelo poder democrático eles se educam e elevam-se ao nível de poder exercer esse poder. Nunca houve outro caminho para qualquer classe. Embora tenhamos considerado uma linha particular de apologia, os dois pontos que emergiram de fato se aplicam em todo o mundo, em todos os países, avançados ou em desenvolvimento, capitalistas ou stalinistas. Quando as manifestações e boicotes dos negros do Sul ameaçaram envergonhar o presidente Johnson quando ele enfrentava uma eleição, a questão era: *de que lado você está?* Quando o povo húngaro irrompeu em revolta contra o ocupante russo, a questão era: *de que lado você está?* Quando o povo argelino lutou pela libertação contra o governo “socialista” de Guy Mollet, a questão era: *de que lado você está?* Quando Cuba foi invadida pelos fantoches de Washington, a questão era: *de que*

lado você está? E quando os sindicatos cubanos são assumidos pelos comissários da ditadura, a questão também é: *de que lado você está?*

Desde o início da sociedade, não há fim para as teorias que “provam” que a tirania é inevitável e que a liberdade na democracia é impossível; não há ideologia mais conveniente para uma classe dominante e seus lacaios intelectuais. Estas são previsões autorrealizáveis, uma vez que elas permanecem verdadeiras apenas enquanto forem consideradas verdadeiras. Em última análise, a única maneira de prová-los falsas é na própria luta. Essa luta de baixo nunca foi impedida pelas teorias de cima, e tem mudado o mundo repetidamente. Escolher qualquer uma das formas do Socialismo-de-Cima é olhar para o velho mundo, para a “velha porcaria”. Escolher o caminho do Socialismo-de-Baixo é afirmar o começo de um novo mundo.

Algumas referências

A seguir estão alguns títulos úteis, mas para a maioria das questões tratadas, é preciso voltar às fontes.

Para a Seção 1, um livro que merece ser lido é *The Genesis of Plato's Thought* de A.D. Winspear (1974), que discute um pouco Pitágoras também. Para Proudhon, veja o capítulo de J.S. Schapiro (1949) em *Liberalism and the Challenge of Fascism* e os *Carnets* de Proudhon (1960-8). Para Bakunin, ver *The Doctrine of Anarchism of M.A. Bakunin* de E. Pyzuir (1968), com a biografia de E.H. Carr (1975) como pano de fundo. Para Lassalle, veja E. Bernstein (1893), *F. Lassalle as a Social Reformer*, e a biografia de D. Footman (1994). Para o Fabianismo, existe apenas um estudo publicado decente, o A.N. McBriar (1966), *Fabian Socialism and English Politics*, e a tese não publicada de E. Hobsbawm (1950), *Fabianism and the Fabians*, nenhum dos quais é adequado para o nosso propósito. Para Rosa Luxemburgo, veja-se a biografia de Paul Frölich (2006) e o pequeno livro de Tony Cliff (1959), ambos intitulados com o nome dela. Para Bellamy e Gronlund, ver a tese não publicada de Arthur Lipow (1982), “Edward Bellamy and the Nationalist Movement”.

Dois artigos de minha autoria em *New Politics* versam sobre alguns aspectos do tema: *Neo-Corporatists and Neo-Reformists* (I, 1, Winter, 1962) e *The New*

Social-Democratic Reformism (II, 2, Winter, 1963). Também relevantes são partes das duas publicações seguintes do Independent Socialist Committee (Comitê Socialista Independente): *Independent Socialism: a Perspective for the Left* (caderno), e *Introduction to Independent Socialism* (um “livro de recortes”). [H.D.]

Referências bibliográficas

- ALATAS, S. H. *The Myth of the Lazy Native: A Study of the Image of the Malays, Filipinos and Javanese from the 16th to the 20th Century and its function in the Ideology of Colonial Capitalism*. Abingdon: Frank Cass and Company Limited, 1977.
- BALL, S. The Moral Aspects of Socialism. *Fabian Tract*, n. 72. London: The Fabian Society, 1896.
- BARAN, P.; SWEEZY, P. *Capitalismo monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BATES, D. Agency. In: FRANKS, B.; JUN, N.; WILLIAMS, L. (eds.) *Anarchism: A Conceptual Approach*. London: Routledge, 2018, p.61-72.
- BELLAMY, E. *Daqui a cem anos: revendo o futuro*. Rio de Janeiro: Record, 1960 [1887].
- BELLOC, H. *The Servile State*. New York: Cosimo Classics, 2007 [1912].
- BERNSTEIN, E. *Ferdinand Lassalle as a social reformer*. Traduzido por Eleanor Marx-Aveling. London: Swan Sonnenschein, 1893. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/bernstern/works/1893/lassalle/chap06.htm>
- _____. *Socialismo evolucionário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Editora Instituto Teotônio Vilela, 1997 [1899].
- BESANCENOT, O.; LÖWY, M. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. São Paulo: Unesp, 2016.
- BUBER, M. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1946].
- CARR, E. H. *Michael Bakunin*. London: Macmillan, 1975 [1937].
- CHALMERS, D. A. *The Social Democratic Party of Germany*. New Haven; London: Yale University Press, 1964.
- CHIAROMONTE, N. Rebuttal of J. Salwyn Schapiro’s article, Pierre-Joseph Proudhon, Harbinger of Fascism. *Politics*, Jan. 1946.

- CLIFF, T. Rosa Luxemburg. *International Socialism*, n. 2-3, 1959. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1959/rosalux/5-partyclass.htm>
- COLE, G. D. H. What Next? Anarchists or Bureaucrats? *Fabian Journal*, v. 12, apr. 1954.
- CROSLAND, A. *The Future of Socialism*. London: Jonathan Cape, 1956.
- DEBS, E. V. Revolution. *New York Worker*, 27 Apr. 1907. E.V. Debs Internet Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/debs/works/1907/revolution.htm>
- _____. Speech at Grand Central Palace, New York, 10 Dic. 1905. In: *Industrial Unionism*. Chicago: Charles H. Kerr & Company, 1906. E.V. Debs Internet Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/debs/works/1905/industrial.htm>
- _____. Labor's Struggle For Supremacy. *International Socialist Review*, v. XII, n. 3, September 1911. E.V. Debs Internet Archive. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/debs/works/1911/labor.htm>
- _____. The Canton, Ohio Speech, Anti-War Speech. *The Call*, jun, 1918. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/debs/works/1918/canton.htm>
- DEUTSCHER, I. East and West: Implications of Coexistence. In: SHAFFER, H. (ed.) *The Soviet System in Theory and Practice*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1965. Disponível em: https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.110645/2015.110645.The-Soviet-System-In-Theory-And-Practice_djvu.txt
- DOSTOIÉVSKI, F. *Os demônios*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DRAPER, H. *Socialism from Below*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1992.
- _____. A Note on the Father of Anarchism. *New Politics*, v. 8, n. 1, Winter 1969. Disponível: <https://www.marxists.org/archive/draper/1969/father-anarchism.htm#n1>
- EASTMAN, M. Motive-Patterns of Socialism. *The Modern Quarterly*, v. 11, n. 4, p. 45-55, Fall 1939.
- _____. *Stalin's Russia and the Crisis in Socialism*. New York: W.W. Norton & Company, 1940.
- ENGELS, F. Progress of Social Reform On the Continent. *The New Moral World*, s. III, n. 21, nov. 18, 1843. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1843/11/18.htm>

- _____. 1888. *Prefácios*. Manifesto do Partido Comunista. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/prefacios.htm>
- FABIAN Society; Shaw, B. *Fabianism and the Empire, A Manifesto by the Fabian Society*. London: Bibliolife, 2009 [1900].
- FARIAS, R. *A Nova Esquerda Americana do Port Huron aos Weathermen, 1960-1969*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FOOTMAN, D. *Ferdinand Lassalle, Romantic Revolutionary*. New York: Greenwood, 1969.
- _____. *The Primrose Path: A Biography of Ferdinand Lassalle*. London: Cresset Press, 1994 [1946].
- FROLICH, P. *Rosa Luxemburg: Her Life and Work*. Hong Kong: Hesperides Press, 2006 [1939].
- GAY, P. *The Dilemma of Democratic Socialism: Eduard Bernstein's Challenge to Marx*. New York: Collier, 1962.
- GEIER, J. Hal Draper's contribution to revolutionary Marxism. *International Socialist Review*, n. 107, Winter 2017-2018. Disponível em: <https://isreview.org/issue/107/hal-drapers-contribution-revolutionary-marxism>
- GEMIE, S. Anarchism and feminism: a historical survey. *Women's History Review*, v. 5, n. 3, p. 417-444, 1996.
- GRONLUND, L. *The Cooperative Commonwealth*. Boston: Lee and Shepard Publishers, 1884. Disponível: <https://archive.org/details/cooperativecomm00gronuoft/page/n6>
- HARMAN, C. From Bernstein to Blair: one hundred years of revisionism. *International Socialism*, n. 67, Summer 1995. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1995/xx/revision.htm>
- HILL, C. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. Tradução e apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1975].
- HOBBSAWM, E.J. *Fabianism and the Fabians, 1884-1914*. Tese de Doutorado, Cambridge University, 1950.
- KAUTSKY, K. *Thomas More and his Utopia*. London: Lawrence and Wishart, 1979 [1888]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kautsky/1888/more/index.htm>
- LENIN, V.I. *Collected Works*. Letters, 1912-1922. Moscow: Progress Publishers, 1973. v. 35.

- _____. *Collected Works*. Miscellany, 1912-1922. Moscow: Progress Publishers, 1976. v. 36.
- LIPOW, Arthur. *Authoritarian Socialism in America: Edward Bellamy and the Nationalist Movement*. Los Angeles/Berkeley: University of California Press, 1982.
- LÖWY, Michael. Messianismo e utopia no pensamento de Martin Buber e Erich Fromm. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 1, n. 1, jan.-jun., p. 72-81, 2009.
- Marx, K. e Engels, F. *Collected Works, 1860-1864*. London: Lawrence and Wishart, 1985. v. 20.
- _____. *Collected Works, 1860-1864*. London: Lawrence and Wishart, 1985. v. 41.
- _____. *Collected Works, 1845-1848*. London: Lawrence and Wishart, 1976. v. 6.
- _____. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2001.
- _____. Normas gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores (1871). In: MUSTO, M. *Trabalhadores, uni-vos! Antologia Política do I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- Marx, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Traduzido por Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.
- _____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MAYO, H. B. *Introduction to Marxist Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1960.
- MCBRIAR, A. N. *Fabian Socialism and English Politics*. Cambridge: Cambridge University Politics, 1966.
- MÉSZÁROS, I. *The Power of Ideology*. London and New York: Zed Books, 2005.
- MICHELS, R. *Sociologia de Partidos Políticos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- MORRIS, M. (ed.) *The Collected Works of William Morris*. Boston: Adamant Media Corporation, 2004. v. 16
- MORRIS, W. *Notícias de lugar nenhum*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- _____. *The Collected Letters of William Morris, 1889-1892*. Princeton: Princeton University Press, 1996. v. III

- MORTON, A. L. *William Morris: Political Writings*. London: International Publishers, 1973.
- MORUS, T. *Utopia: sobre a melhor condição de uma república e sobre a nova ilha Utopia*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MUSTO, M. *Trabalhadores, uni-vos! Antologia política da I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- OWEN, R. *A Dialogue in Three Parts, Between the Founder of the "Association of All Classes of All Nations," and a Stranger Desirous of Being Accurately Informed Respecting Its Origin and Objects*. Manchester: A Heywood, 1838.
- _____. *The Revolution in the Mind and Practice of the Human Race or The Coming Change From Irrationality to Rationality*. London: Effingham, Wilson, Royal Exchange, 1850.
- PLUTARCH. *Plutarch Lives, I, Theseus and Romulus. Lycurgus and Numa. Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1914, v. I.
- PROUDHON, J. L. "On the Jews". In: *Carnets de P.J. Proudhon*. Paris: M. Rivière, 1960 [1847] traduzido por Mitchell Abidor. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/subject/economics/proudhon/1847/jews.htm>
- _____. *A propriedade é um roubo e outros escritos*. Porto Alegre: L&PM Editoras, 1998.
- _____. *Carnets de P.J. Proudhon*. P. Hauptmann (ed.). Paris: Marcel Riviere et Cie, 1960-1968, 3v.
- PYZUIR, E. *The Doctrine of Anarchism of M.A. Bakunin*. Chicago: Regnery, 1968.
- RÜHLE, O. *Karl Marx: His Life and Works*. New York: Viking Press, 1929 [1928]. Disponível: <http://www.marxistsfr.org/archive/ruhle/1928/marx/ch04.htm>
- RYAZOFF, D. The Communist Journal (1847) in D. Ryazoff, (org.) *The Communist Manifesto of Marx and Engels*. New York: International Publishers, 1930.
- SCHAPIRO, J. S. Pierre Joseph Proudhon, Harbinger of Fascism. *The American Historical Review*, v. 50, n. 4, p. 714-737, Jul. 1945.
- _____. *Liberalism and the Challenge of Fascism: Social Forces in England and France (1815-1870)*. New York: McGraw Hill Book Company, 1949.
- SCHUMPETER, J. *Capitalism, Socialism and Democracy*. London and New York: Routledge, 2003 [1943].

- SHAW, G. B. *Fabianism and the Empire: a manifesto by the Fabian Society*. London: G. Richards, 1900.
- _____. *The Truth About Soviet Russia*. New York and London: Longman, Greens and Co., 1942.
- STEINMETZ, C. P. *America and the New Epoch*. New York: Harper, 1916.
- THOMPSON, E. P. *William Morris: Romantic to Revolutionary*. Oakland: PM Press, Spectre Classics, 2011 [1955].
- TSUZUKI, C. H. M. *Hyndman and British Socialism*. Oxford: Oxford University Press, 1961.
- VASCONCELOS, J. A. A utopia urbana de Edward Bellamy. *Dimensões*, v. 30, p. 245-265, 2013.
- WEBB, B.; WEBB, S. *Soviet Communism: a New Civilization*. Redditch: ReadBooks Ltd., 2013 [1935].
- WHYTE, W. H. *The Organization Man*. New York: Simon & Schuster, 1956.
- WINSPEAR, A. D. *The Genesis of Plato's Thought*. Montreal: Harvest House, 1974 [1956].
- WOODCOCK, G. *História das ideias e movimentos Anarquistas: A Ideia* (Volume 1). Traduzido por Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002 [1962].
- _____. *História das ideias e movimentos Anarquistas: O movimento* (Volume 2). Traduzido por Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008 [1962].
- _____. *Socialism From Below: a History of Anarchism*. Libcom.org, 2018 [1944] Disponível em: <https://libcom.org/library/chapter-3-what-anarchism>